

25 DE JANEIRO DE 1576/25 DE JANEIRO DE 2020

Os 444 anos da cidade que nunca foi fundada

Luanda não tem data de fundação, diz-se que os pescadores do Soyo navegaram com terra á vista em pequenas canoas, até encontrarem a "Ilha" e porque aí decidiram ficar ninguém sabe. Só se sabe, parece, que não foram para a zona continental, talvez por receio do desconhecido. [p.3-5](#)



REBITA

DANÇA E MÚSICA MARCAM FESTIVIDADES

A rebita, dança e música, é o grande chamariz cultural das festividades do 444º aniversário da cidade de Luanda, a ser celebrado hoje. [p.28-29](#)



ENTREVISTA

DESAFIOS CIDADINOS

Luanda continua a ser a menina bonita de Angola, porém, sufocada. Vive problemas de saneamento, de água e de luz. Faltam de infra-estruturas. Mas há bons projectos em andamento. [p.16-17](#)

LIBERTAÇÃO NACIONAL

CAPITAL LIDEROU RESISTÊNCIA CONTRA A OCUPAÇÃO COLONIAL

Luanda foi desde o início do século XVIII o berço dos movimentos nacionalistas em Angola, que tiveram o seu ponto mais alto em finais de 1959 e 1961, com o surgimento do "Processo dos 50" e o 4 de Fevereiro de 1961. [p.14-15](#)

NOTA DO DIA



CRISTINA DA SILVA
Directora Executiva

MAU SERVIÇO PÚBLICO

Há dois dias de completarmos o 444º aniversário da cidade de Luanda, que hoje se assinalada, e quatro para começar a gozar a minha licença disciplinar, decidi ir a Direcção Provincial de Saúde de Luanda para tratar do meu Cartão Internacional de Vacinas. Na verdade, o cartão foi emitido em 2017, com uma vigência de 10 anos. Infelizmente, neste cartão há um algarismo ilegível que faz crer que o mesmo foi tratado em 2007 e não em 2017. Por este facto, todas as vezes que pretendo deslocar-me ao exterior, sou obrigada a prestar esclarecimentos aos agentes do Serviço de Migração e Estrangeiros.

Na Direcção Provincial de Saúde de Luanda fui informada de que a pessoa que assinou o documento já não trabalha naquela instituição e que a sua caligrafia era aquela, no caso o número um. Insatisfeita, pedi que fosse emitido um outro Cartão Internacional de Vacinas para poder viajar sem qualquer problema. O funcionário, de forma arrogante, exigiu o cartão em minha posse e rasurou o documento, alegando que poderia viajar sem constrangimentos.

Perante tal situação, exigi que esse emitisse um novo cartão, pois não poderia apresentar um cartão rasurado. O funcionário exigiu o pagamento de 2.500 kwanzas, para a remissão do documento, o que para mim não era justo, uma vez que tal serviço já havia sido anteriormente pago e, ser da responsabilidade da instituição passar de forma legível às informações, de modos a não levantar qualquer suspeitas ou equívocos.

É com este tipo de petulância e arrogância que o pacato cidadão é obrigado a lidar, sendo as normas da administração pública ignorada, tornando a vida do cidadão mais difícil.

Luandando



ADALBERTO CEITA
Sub-Editor

O ENSINO PÚBLICO E A ESCASSEZ DE VAGAS

"Estudar é um dever revolucionário". A frase que nos idos anos 80 e 90 vinha grafada nos livros escolares, parece ter perdido a importância que era atribuída na vida de milhares de crianças, adolescentes e jovens durante as referidas décadas.

A pouco dias do início do ano lectivo 2020 no ensino geral, é desolador verificar pais e encarregados de educação aflitos pois os filhos, por escassez de vagas, arriscam-se a ficar privados de estudar.

A Lei n.º 17/16 de 07 de Outubro, Lei de Bases do Sistema de Educação e Ensino, estipula a gratuidade do ensino primário no país. Aqui, particularizamos o ensino primário, por ser merecedor de cuidados redobrados, atendendo que, até então, Luanda tem aproximadamente 700 mil crianças fora do sistema público de ensino, de acordo com dados divulgados pelas autoridades da província. O número é preocupante e revela o grande desafio que o sector da Educação têm pela frente.

O ano passado, dos estabelecimentos de ensino previstos para inaugurar, Luanda registou a inauguração de nove, nomeadamente no Zango, Sequele e Ngola Kiluanje, distritos dos municípios de Viana, Cacuaco e Luanda, respectivamente, resultando numa oferta de 14 mil vagas. Deste número, inclui-se escolas primárias, um complexo da 7.ª a 12.ª classe, um Instituto Politécnico e um outro Técnico Médio de Saúde. No início do mês, aquando da inauguração da escola primária 4104, no bairro Mayé-Mayé, Distrito Urbano do Sequele, município de Cacuaco, o governador Sérgio Luther Rescova referiu que, "estamos a trabalhar para o bem da comunidade que é fim único do Estado proporcionar bem-estar à população". Porém, a escassez de vagas persiste e o quadro de incertezas mantém-se para muitos pais e alunos.

Na mesma senda, tal como já se tornou hábito, muitos têm ainda de lidar com o preço elevado dos livros escolares, embora a lei define que estes e outros materiais de ensino devem ser distribuídos gratuitamente aos alunos da iniciação à 6.ª classe no ensino primário público. Quem tira maior proveito disso são as zungueiras, que fazem desta época a de maior "factura" nas vendas do material escolar.

Como se sabe, a capital do país, por registar um exponencial crescimento populacional precisa de um vasto conjunto de infra-estruturas sociais com destaque para as escolas. Por outro lado, esta tarefa não pode estar disassociada de planificação para evitar que os alunos percorram grandes distâncias para assistir às aulas. Se assim não for, muito dificilmente o processo de ensino somará êxitos, considerando que "estudar é um dever revolucionário" e a sua materialização, inevitavelmente, contribuirá para o desenvolvimento e bem-estar da comunidade.

Postal da Cidade

Escreva-nos por e-mail para: jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao



Perigo permanente GRUA DO PRENDA

Embora esteja a perigar a vida de cerca de 800 pessoas e mais de 40 casas, a grua de 100 metros de comprimento, na conhecida zona do Lote 22, no bairro Prenda, continua de pedra e cal. No local há mais de 40 anos, devido ao tempo, teme-se que possa desabar a qualquer momento,

facto que deixa os moradores a viver com preocupação e medo. Segundo consta, quando chove e faz vento forte, a mesma abana, dando a sensação de que poderá cair, deixando todos em alerta e "aterrorizados". Inúmeras promessas e pedidos de ajuda foram feitos visando a sua retirada, mas até agora «nem água vem, nem água vai».

Carta do leitor



Dinamismo na governação

A cidade de Luanda completa hoje 444 anos, desde a sua fundação. De lá para cá, a capital do país ganhou uma densidade populacional estrondosa, que, infelizmente, não foi acompanhada com infra-estruturas. Apesar de inúmeros esforços, notamos com muita tristeza alguns descaso na administração pública. Falta quase tudo em Luanda. A reabilitação das ruas secundárias e terciárias está longe de ser uma realidade. As constantes mudanças de governadores parece não ser a solução para Luanda. Muitas das obras iniciadas há mais de quatro anos, em muitos bairros, continuam por se concluir, apesar de possuírem prazos de conclusão. Para este novo ano, desejo que todos os luandenses se juntem ao esforços do governo, exigindo maior dinamismo nas tarefas a si adjudicada.

Manuela Pinto - Luanda

Iluminação na Sapú

Sou moradora do bairro Sapú, há mais de 10 anos. Tive a oportunidade de passar por muitos bairro de Luanda, até conseguir erguer a minha residência. Infelizmente, continuo preocupada com a falta de iluminação pública nas ruas que ligam ao meu bairro. Não conseguimos circular até altas horas da noite, devido a insegurança. Quero pedir a pronta intervenção da administração local nas próximas acções, de modos a garantir melhor segurança pública.

Engrácia Filipe - Sapú

Brigadas do ambiente

Vivo no bairro Vila Kiaksi, distrito da Cidade Universitária. Escrevo para este espaço para chamar do fornecimento da água potável. Somos obrigados a consumir água das cisternas e bidões, com proveniência duvidosa. É urgente Governo de Luanda resolver este problema.

Conceição Paula - Vila Kiaksi

LUANDA

Directora Executiva: Cristina da Silva

Editores: Rosalina Mateta e Domingos dos Santos

Sub-Editores: António Pimenta, Adalberto Ceita e José Bule

Secretária de Redacção: Maria da Gama

Jornalistas: Arcângela Rodrigues, Fula Martins, Helma Reis, João Pedro, Mazarino da Cunha, Manuela Mateus e Nilza Massango

Fotógrafos: Francisco Bernardo, Rogério Tuti, Contreiras Pipa, Domingos Cadência, João Gomes, M. Machangongo e Kindala Manuel

Departamento de Paginação

Irineu Caldeira (Chefe), Adilson Santos (Chefe-adjunto), Adilson Félix, Waldemar Jorge & Jorge de Sousa

Ilustração: Armando Pululo & Edna Mussalo

Morada: Rua Rainha Jínga 12/26, Caixa Postal: 13 12

Telefone: 222 02 01 74/222 33 33 44 Fax: 222 33 60 73

Mail: jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Publicidade: (+244) 926 40 69 29/923 40 27 00 EMAIL: antonio.goncalves@edicoesnovembro.co.ao

EDIÇÕES NOVEMBRO
REVISTA DE ECONOMIA E FINANÇAS

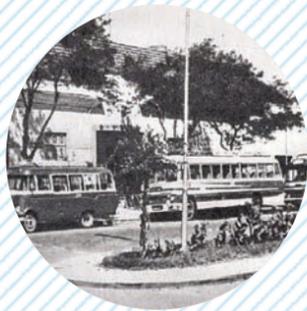
Presidente do Conselho de Administração: Vítor Silva

Administradores Executivos: Caetano Pedro da Conceição Júnior, José Alberto Domingos, Rui André Marques Úpalavela, Luena Cassonde Ross Guinapo

Administradores não Executivos: Filomeno Jorge Manaças Mateus Francisco dos Santos Júnior

**CINEMA COLONIAL
COR DEFINIA OS LUGARES**

O Cinema estava estratificado. Havia bancos de cimento corridos sem costas, separados por um muro, para os "indígenas", mestiços e assimilados com B1. Bancos de madeira corridos com costas e cadeiras individuais para os "pequenos brancos" do bairro.



**IGREJAS
TRÁFICO DE ESCRAVOS**

Ao longo dos séculos foram construídas igrejas, como as do Carmo e da Nazaré, onde eram abençoadas as vendas de pessoas e seu embarque em condições deploráveis em navios a que chamaram «negreiros» mas eram na verdade a prisão e o túmulo de muitos filhos de África



AS ORIGENS DA CAPITAL ANGOLANA

Rui Ramos

luanda.metropolitano@jornaldeangola.com

Segundo se sabe, chamavam ao local "Nzanga" (ilha?) mas muito mais tarde, aquela savana verde e florestal que limitava a norte Luanda com Kakwaco, chamou-se "Kikolo" e estarei errado se este termo significar "ilha" ou pedaço de terra cercado de água?

O que foram os primeiros gestos e as primeiras palavras só se consegue imaginar, duas línguas estranhas, talvez os portugueses tenham perguntado, sem se fazerem perceber, "como se chama isto?". A resposta talvez tenha sido "wanda" (rede de pesca), uma palavra idêntica em kimbundu e kikongo.

Os navegadores locais vinham do Norte, passaram pelas águas de Nzadi, Soyo, Nzetu, Nzenza, e quando chegaram à grande entrada olharam o pequeno planalto, não imaginando sequer que ali se ergueria a capital de um país e que mais tarde apareceriam, como que vindos do além, seres atarracados, barrigudos, de tez clara e longas barbas.

Luanda não tem data de fundação, diz-se que os pescadores do Soyo navegaram com terra á vista em pequenas canoas, até encontrarem a "Ilha" e porque aí decidiram ficar ninguém sabe. Só se sabe, parece, que não foram para a zona continental, talvez por receio do desconhecido.

TERRA CERCADA DE LAGOAS

Na verdade, o território da que é a capital do país era circundado por extensas lagoas e pântanos e havia dois rios distantes, como que mais duas fronteiras, a norte e a sul, uma zona inóspita povoada de mosquitos e animais selvagens.

Não era fácil para os lusitanos chegarem aqui naqueles barcos à vela, vindos de dezenas de milhares de quilómetros, demorando muito mais de um mês cada viagem, mas o que os fez persistir deve ter tido muito forte.

Desembarcados pela primeira vez em 1576, os portugueses timidamente exploraram a capinzal continental e se aperceberam de que a configuração das inúmeras lagoas e pântanos servia às mil maravilhas como obstáculos para a fuga de escravos, um tráfico que começava a desenvolver-se e que abrangeu quase 6 milhões de vítimas durante os séculos seguintes.

A nova urbe, habitada por comerciantes e religiosos portugueses, foi desde logo vocacionada para o negócio de lucro fácil, o mais cruel dos negócios, a venda de pessoas. Ao longo dos séculos foram construídas igrejas, como as do Carmo e da Nazaré, onde eram abençoadas

Luanda, a cidade que nunca foi fundada

Luanda, Loanda, Luwanda, tal como a fundação, também a designação da capital angolana não é consensual. Um coisa parece certa, quando os navegadores lusitanos chegaram à "Ilha", na verdade uma pequena península, já lá moravam pessoas com a sua cultura local ligada ao mar, ao qual chamavam "Kalunga", que acreditavam ser o deus da morte.





CIDADE DO ASFALTO RESTRICÕES NA MOBILIDADE

A "pureza racial" da cidade do asfalto foi sempre motivo de preocupação do "poder branco". Indígenas a andar na cidade do asfalto só com motivos muito claros. A fronteira estava ali, ao fundo do Marçal, mas o colonialismo tolerava que houvesse população negra no recém-construído Bairro Indígena.



PONTE DA ILHA PESCADORES DO SOYO

Luanda não tem data de fundação, diz-se que os pescadores do Soyo navegaram com terra á vista em pequenas canoas, até encontrarem a "Ilha" e porque aí decidiram ficar ninguém sabe. Só se sabe, parece, que não foram para a zona continental, talvez por receio do desconhecido.

as vendas de pessoas e seu embarque em condições deploráveis em navios a que chamaram «negreiros» mas eram na verdade a prisão e o túmulo de muitos filhos de África.

Luanda europeizada organizou-se em embarcadouros de pessoas escravizadas, as Portas do Mar onde hoje é a alfândega, a Praia do Bispo, o Morro da Cruz.

Sem dúvida que fugir da situação de escravidão era muito difícil em Luanda, sobretudo por causa dos obstáculos naturais e dos animais selvagens. Para cima da "cidade baixa", que subia para a colina a que se chamou depois "a Cidade Alta", havia capim e mais nada e aí as pessoas escravizadas tentavam a sua sorte, fugindo do cativo, os "jingombo", o seu esconderijo com o tempo passou a chamar-se «ingombota», talvez o "ta" venha de "uta" do verbo "Kuta", pôr, colocar, uma hipótese apenas, "onde se escondiam os aterrorizados fuggitivos, perseguidos sem tréguas, e os que morriam ou eram mortos, eram arrastados mais para cima, para o cemitério, para as cruces, as "makulusu", o plural de "dikulusu", porque em kimbundu não havia nem há essa palavra, a sua simbologia foi trazida pelos navegadores europeus, "a salvação pela cruz", mesmo que tivesse de ser pela escravização, porque, alegavam os missionários, "os pretos são gentios e não têm alma".

OS CONTRATADOS

Muito antes de mim, já o meu pai vivia em Luanda, filho de um português pobre aqui radicado desde a década de 1910. Ele recordava sempre, na sua meninice, que descia do bairro Marçal, ao meio dia sob sol abrasador, e juntava-se aos "contratados bailundos" na Marginal, havia ali umas pequenas indústrias de sabão e de pesca, então ele sentava-se no chão com os "contratados" e comia pirão com eles. Pirão era como se chamava ao funji de milho no centro do país. E "contratados" eram homens "agarrados" no planalto central, pelos sobas, para alugar aos portugueses, que os transportavam em pé, em desequilíbrio permanente e muito apertados nas carroçarias de camionetas, forçadamente, separando-os das famílias, a caminho de Luanda, Uíge e São Tomé, na verdade, um trabalho semi-escravo.

Nasceram-me em Luanda, no Hospital Maria Pia, há quase 75 anos, penso que ainda não estava construída a Maternidade Indígena Vieira Machado, na Sagrada Família. Recordo-me dos meus 5-6 anos numa casa de adobe, éramos pobres e não havia extravagâncias, a primeira escola que frequentei foi a Escola 15 e a minha primeira professora foi a

Dona Adelaide, muito severa. A maior parte dos meus colegas era branca, apesar de a escola estar ali ao lado do Marçal. Muitas vezes subia para o comboio a lenha que vinha do Km5, parece que havia ali um aeródromo, o comboio desacerelerava e eu subia, mas algumas vezes aparecia o cobrador branco que, cruel, me mandava saltar do comboio em andamento porque não pagara bilhete.

Um ano depois a escola fechou e transferiram-me para a Escola 7, a "escola da Câmara", na Baixa, e eu ia e vinha a pé, todos os dias, hoje, 70 anos depois, olho para esse "palácio" que continua erguido e a dar aulas, e recorro sempre os meus sete anos. Lembro-me bem de que na rua que vinha lá de cima, de longe, até à Mutamba, havia uma casa de banho pública, do lado direito de quem desce, perto

O CINEMA COLONIAL

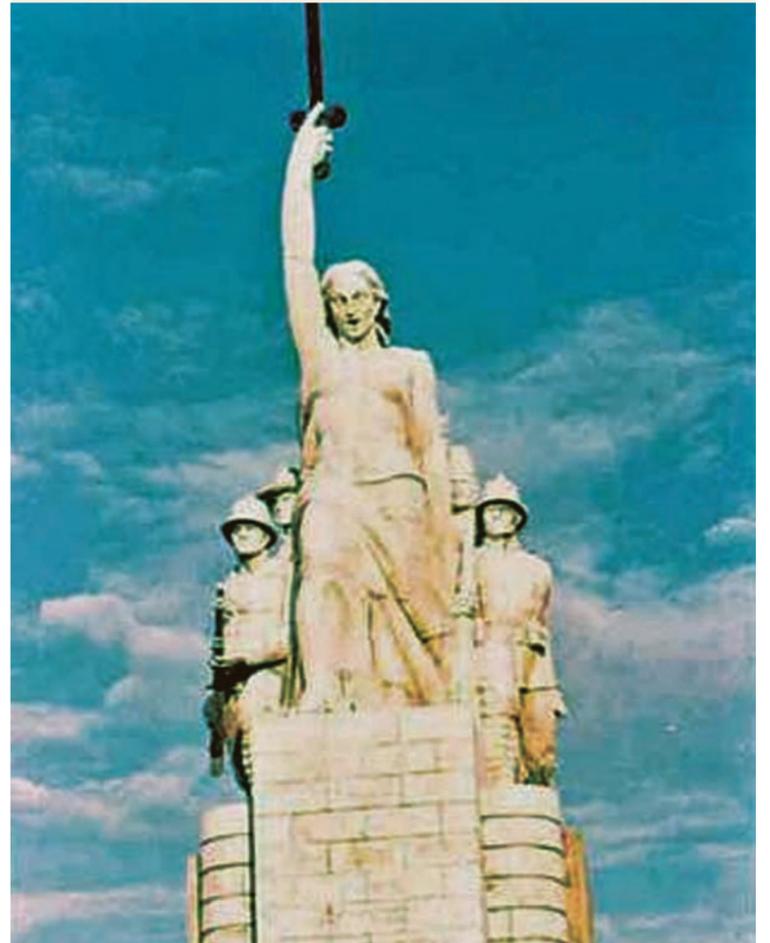
OS FILMES estavam catalogados como "filmes para maiores de 6 anos indígenas", "filmes para maiores de 12 anos e proibidos a indígenas". Isto é, para o "poder branco", os "indígenas", mesmo que tivessem cem anos, eram considerados "crianças" e tratados por "rapazes". Não havia "meninos" negros, os "meninos" eram as crianças brancas. O Cinema Colonial estava estratificado, não em função do poder de compra do bilhete, mas da cor da pele. Havia a Geral, perto do ecrã, bancos de cimento corridos sem costas, reservados a "indígenas", depois um muro de cimento separava este grupo de outro, os mestiços e assimilados com BI, que se sentavam na Superior, bancos de madeira corridos com costas, e mais atrás cadeiras individuais para os "pequenos brancos" do bairro. Incompreensivelmente esse edifício, na forma de um enorme paralelepípedo, foi implodido depois da proclamação da Independência Nacional, para fins desconhecidos e nunca cumpridos, só ficando de pé a bilheteira, onde o meu avô e o meu pai trabalharam há 70 anos. Implodido foi também o enorme

edifício do Mercado do Kinaxixi, depois do enorme monumento, o mais majestoso de Luanda, a "Maria da Fonte" ser dinamitado e no seu lugar colocado um tanque de guerra soviético. O mercado substituiu o mercado municipal das Portas do Mar, ao lado do hoje BPC, ali onde numa fase histórica eram embarcadas as pessoas escravizadas e depois foi, até meados do séc. XX, porto pesqueiro.

O mercado do Kinaxixi, na sua imponência, foi construído em alternativa ao "mercado indígena" de São Paulo para responder ao crescente número de pequenos colonos que se instalaram na zona e desalojaram a população "indígena" para os lados do Bairro Operário, Marçal e Rangel. "Kinaxixi" significa em português lagoa, pântano ou charco grande, e ali havia mesmo uma enorme lagoa, em cujo subsolo havia (e há) uma nascente de água. Uma enorme mafumeira compunha a paisagem lacustre que os portugueses secaram, na minha juventude e lá criaram uma feira popular.



EDIÇÕES NOVEMBRO



de onde hoje fica a Embaixada portuguesa, e eu que já ia sabendo ler, soletrava "europeus", "indígenas", desde menino que via a exclusão provocada pela diferença da tonalidade da pele.

O meu pai teve de procurar um segundo emprego, de noite, para sustentar a família. E eis o meu pai como porteiro no Cinema Colonial, no bairro São Paulo, hoje integrado no Sambizanga, calcorreando o areal, a pé, receoso de ataques á fachada de cabo-verdianos escondidos nos grandes canos de cimento que iam levar água á cidade de asfalto. Desde cedo, então comecei a frequentar o cinema e pude aperceber-me de como funcionava o "pequeno poder branco" em Angola.

AS RUSGAS

Um mundo enorme de exclusão, eis a Luanda histórica que eu conheci, com o "poder branco" intocável e a população "indígena" etiquetada de "pretos falsos", os de Luanda e Malanje, e "pretos fiéis", os do Huambo e também de Cabinda. Esta dicotomia marcava a ideologia do colonialismo e sobretudo do "pequeno colonialismo", o de todos os dias, em que o sujeito era o branco e o objecto era o negro, tudo era feito em função do "mundo branco".

O negro tinha de se confinar ao seu local de habitação, os "bairros" chamados "musseques", ou "iseke" (areal, areia), os colonos gostavam de acrescentar as partículas "mu" e "ku", perguntavam algo e a respos-

ta vinha célere, "ku mbata", na casa, ficou, na nomenclatura colonial, "cubata", "mu iseke" corrompeu para "musseque". Curiosamente, foi construída recentemente uma "urbanização" ou "centralidade", perto de Kakwaco, com o nome de "Sekele", areal ou deserto.

Havia brancos nos musseques? Havia. Mas sem misturas. O papel desses brancos era o de controlo e de negócio. Pequenas lojas de colonos recém-chegados da "metrópole" vendiam vinho tinto adulterado e "bolos" feitos com bicarbonato de sódio para renderem mais. E como essas lojas eram o único local com água, o "indígena", se queria tomar banho de chuveiro, tinha de pagar ao branco. A ambição desses "pequenos brancos" era saírem dos musseques e terem uma casa na cidade de asfalto, mas isso muitas vezes não era possível porque o povoamento europeu era intenso e a concorrência desenfreada na exploração dos "indígenas".

Angola transformou-se naqueles tempos em "colónia de povoamento de população branca", a "metrópole" ambicionava equilibrar as populações e era geral então, a existência de "brancos pobres ou remediados", mas sem nunca beliscar o "poder branco" e, mesmo assim, mandava na verdade o "poder do branco de primeira", isto é, nas admissões e promoções prevalecia a naturalidade na "metrópole", o "branco de se-



DIVERSÃO FARRAS DE QUINTAL

Os jovens de agora pensam que descobriram as "farras de quintal", não é verdade, naqueles tempos, há 50-60 anos, em todos os quintais das "cubatas" dos bairros havia farras, não só no Bairro Operário, também no Marçal e no Rangel, ao som do merengue e dos primeiros acordes da nova música urbana angolana.



SHOPPING FORTALEZA DESCENDENTES LUSITANOS

Os descendentes desses antigos lusitanos, mesmo encostado à Fortaleza de S. Miguel, que defendia Luanda dos holandeses, construíram um enorme e luxuoso centro comercial, o Fortaleza Shopping, para lembrarem, ao espantado luandense, que eles continuam por cá, sempre presentes.

gunda", natural de Angola, era também discriminado pelos "be-sugos", os brancos de pele muito branca ou vermelha (o peixe be-sugo é vermelho) que eram gozados por nós, "brancos de segunda", que não fazíamos com eles amizade porque nos sentíamos superiores a eles.

Os jovens de agora pensam que descobriram as "farras de quintal", não é verdade, naqueles tempos, há 50-60 anos, em todos os quintais das "cubatas" dos bairros havia farras, não só no Bairro Operário, também no Marçal e no Rangel, ao som do merengue e dos primeiros acordes da nova música urbana angolana, todos eram admitidos, a "integração" ali ia funcionando, jovens "pequenos brancos", os chamados "bons brancos", misturando-se com a população negra jovem, e bebia-se muito, e também se bebia muito nos batuques que proliferavam nos bairros suburbanos, o som dos tambores eram audível em toda a Luanda, pessoas dançando e bebendo pela noite dentro, à volta de fogueiras, mas isso acabou depois, nos anos 1960, quando o colonialismo impôs o recolher obrigatório severo para a população negra e o som dos tambores deixou de se ouvir, logo após o Sambizanga ter sido incendiado.

Eu dormi, acordei e vivi durante muitas décadas com essa expressão "indígena" tatuada na minha mente. Dois mundos de costas um para o outro. Fizesse o que

Acima do Kinaxixi havia uma rusga regular, os jovens negros desciam do Marçal para a baixa e eram apanhados ali. Então, na cidade "dos outros" havia esses autênticos migrantes, em situação legal os que trabalhavam nas casas dos brancos com cartão de trabalho assinado.

se fizesse, o "poder branco" nunca era abalado. Havia alunos negros nas escolas, mas não havia professores negros, não chegavam lá, os brancos não deixavam, porque o lugar dos negros era servir os brancos em lugares subalternos e sempre ajudantes e serventes e não concorrer nos estudos e nas licenciaturas, com algumas exceções, como jovens líderes dos movimentos de libertação, muitos com estudos secundários e mesmo superiores feitos na "metrópole" mas, como referi, eram a exceção à regra.

A "pureza racial" da cidade do asfalto foi sempre motivo de preocupação do "poder branco". Indígenas a andar na cidade do asfalto só com motivos muito claros, naqueles tempos. A fronteira estava ali, ao fundo do Marçal, mas o colonialismo tolerava que houvesse população negra no recém-construído Bairro Indígena, mesmo ao lado da lagoa e da prisão política. Claro, os negros moravam onde os brancos mandavam morar e ponto final. Vivi isso, dia a dia, na minha meninice e juventude. Um rapaz negro não

podia andar na cidade de asfalto sem "cartão de trabalho" assinado todos os dias pelos patrões brancos. Se o fizesse, podia ser apanhado na rusga, pelos cipaios, dirigidos pelo chefe do posto "Poeira". Acima do Kinaxixi havia uma rusga regular, os jovens negros desciam do Marçal para a baixa e eram apanhados ali. Então, na cidade "dos outros" havia esses autênticos migrantes, em situação legal os que trabalhavam nas casas dos brancos com cartão de trabalho assinado, e os que não o podiam provar e eram chamados "vadios" pelos brancos.

Quantas vezes, me recordei, de rapazes negros me pedirem, eu também rapaz, para os acompanhar para não serem apanhados na rusga, a essência do "poder colonial" evidenciando-se, o negro devia ser "tutelado" pelo branco.

Os "vadios" eram subidos nos jipes e atirados para a Prisão Indígena, ali onde hoje chamam "Zé Pirão" e de que já ninguém tem memória. Aguardavam, amontoados, que os patrões brancos os fossem libertar ou, abandonados, seguiam para o trabalho forçado que construiu as estradas e as obras públicas do colonialismo.

Ironicamente, a guerra, a partir de 1961, desenvolveu o país, ou melhor, a parte "branca", um mercado de algumas centenas de milhares de pessoas mais rico e forte do que hoje nós, 30 milhões, somos.

A partir da década de 1960, com a chegada de milhares e milhares de "pês descalços" e europeus pobres, Angola começa a auto-sustentar-se, mas a clivagem entre ricos e pobres permaneceu enorme, os bairros suburbanos estavam estagnados, sem água e sem luz, os brancos diziam à boca-cheia "os pretos estão bem como vivem não precisam de mais, basta terem mandioca e milho e ficam felizes".

Mas também havia encomendas, muitos brancos iam à prisão escolher serviços ("criados") e levavam uma escolha para os polícias, queriam em geral rapazes "bailundos" por serem, alegavam, "submissos" e "fiéis", porque, argumentavam, os de Luanda e de Malanje eram "falsos".

A BAIXA DE KASANJE E O CONGO

ESCAPEI DA PARALISIA infantil da segunda metade dos anos 1940, numa época em que não havia leite e a comida escasseava, mas não escapei dos posteriores grandes acontecimentos, como o Janeiro de 1961 na Baixa de Kasanje, de que não se sabia quase nada, os brancos só murmuravam em surdina, achavam que a "metrópole" os tinha abandonado e dado demasiados poderes aos "pretos". Depois o 4 de Fevereiro que vivi por dentro naqueles dias de extrema violência em que vi brancos matar negros só porque pareciam "estudantes" e "calcinhas", que parecia ser a primeira condição para serem considerados "terroristas" e mortos. Logo logo a 15 de Março que desmontou os brancos, eles gritavam raivosos, "a gente trata-os tão bem e os cães mordem-nos as pernas.."

Nas casas dos brancos, as senhoras procuravam as roupas pretas dos "criados", também sinónimo de terrorismo, e paternalmente conversavam sobre eles, "o meu criado é bailundo, é fiel".

O "poder branco" e a sua "paz" foram apenas beliscados mas não postos em causa. A ideologia colonial logo tratou de remeter esse "terrorismo" para "causas externas", era o Congo, culpados eram os belgas que "estavam a dar a independência aos pretos e vinham agitar os "pacíficos pretos" de Angola". Patrice Lumumba era o inimigo do "poder branco" de Luanda e nessa hora muitos foram os cães a quem foi dado o nome de "Lumumba" e atirados sempre contra pessoas com a pele mais escura.

Ironicamente, as forças armadas coloniais, que deviam enfrentar "uma população negra nacionalista", começam a "africanizar-se". Cada vez mais jovens negros e mestiços eram incorporados e alguns chegavam a alferes e furriéis.

A reviravolta deu-se em 1974. O golpe de 25 de Abril chegou ao conhecimento dos perplexos colonos, que não acreditavam que fosse possível entregar o poder "aos pretos". Ninguém sabia ao certo o que ia acontecer. O movimento de libertação, em Luanda, envolvia, activamente, uma minoria da população negra, a maioria nada podia fazer senão viver espantada pelas apertadas muralhas do poder colonial. O 25 de Abril libertou as vidas e o que pa-

recia impensável aconteceu, centenas de milhares de pessoas a receberem, no aeroporto de Luanda, as delegações dos movimentos de libertação.

Ninguém pensasse em reconciliações entre duas comunidades que viviam nos antípodas da boa convivência. Mas o imprevisível eu vi acontecer, nos museus a etnicidade também foi "libertada" e um dos primeiros confrontos, após o massacre feito por colonos no Cazenga, foi mesmo aí, no seio dessa população subjugada. Fui à estação do Bungo ver e falar com milhares de pessoas que dormiam ao relento à espera do comboio para as suas terras de origem, Kwanza Norte, Malanje, muito antes mesmo da grande fuga para Portugal.

1975 foi ano de todas as guerras numa Luanda que começava a nada ter a ver com a urbe colonial. Guerras étnicas, guerras "raciais", guerras entre movimentos de libertação, por todo o lado a exclusão e a intolerância. Tive de voltar a viver tudo isso à beira da Independência Nacional, à qual entreguei a maior parte dos anos da minha juventude.

Esse 11 de Novembro surgiu quente, com todos os caixotes já embarcados para Lisboa, com carros abandonados nas ruas, uma cidade estupefacta, como se fosse transplantada para outro planeta, a cidade onde os brancos mandavam de repente ficou deserta, ninguém queria apropriar-se do asfalto, parecia uma transgressão, e então a Baixa de Luanda fantasmagorizou-se, sem alma, terra de ninguém, autêntico Ano Zero de uma nova era, como se a anterior fosse num repente apagada e só restassem ruínas. Como se de repente nos entregassem uma folha de papel em branco para nós escrevermos o que quiséssemos.

Assim chegava ao fim o "sonho" dos navegadores portugueses, centenas de anos antes. Mas, como que querendo ironizar sobre a História, os descendentes desses antigos lusitanos, mesmo encostado à Fortaleza de S. Miguel, que defendia Luanda dos holandeses, construíram um enorme e luxuoso centro comercial, o Fortaleza Shopping, para lembrarem, ao espantado luandense, que eles continuam por cá, sempre presentes.



EDIÇÕES NOVEMBRO



SÉCULO XX DESENVOLVIMENTO URBANO

Só no início do séc. XX se pode começar a olhar para Luanda como cidade com um certo rumo no desenvolvimento urbano, desiderato que viria mais tarde a conquistar, apesar de ter sido escolhida como capital da colónia por volta do ano de 1576 no séc. XVI.



DENSIDADE POPULACIONAL FUTURO INCERTO

De 450.000 habitantes em 1974, Luanda conhece hoje, em cálculos empíricos, mas muito próximos da verdade, cerca de 10.000.000 de habitantes. Como é de calcular, a variação é extraordinariamente violenta para uma cidade. Como resultado, Luanda não pode comportar tanta sobrecarga demográfica e o seu destino futuro caiu na total incerteza.

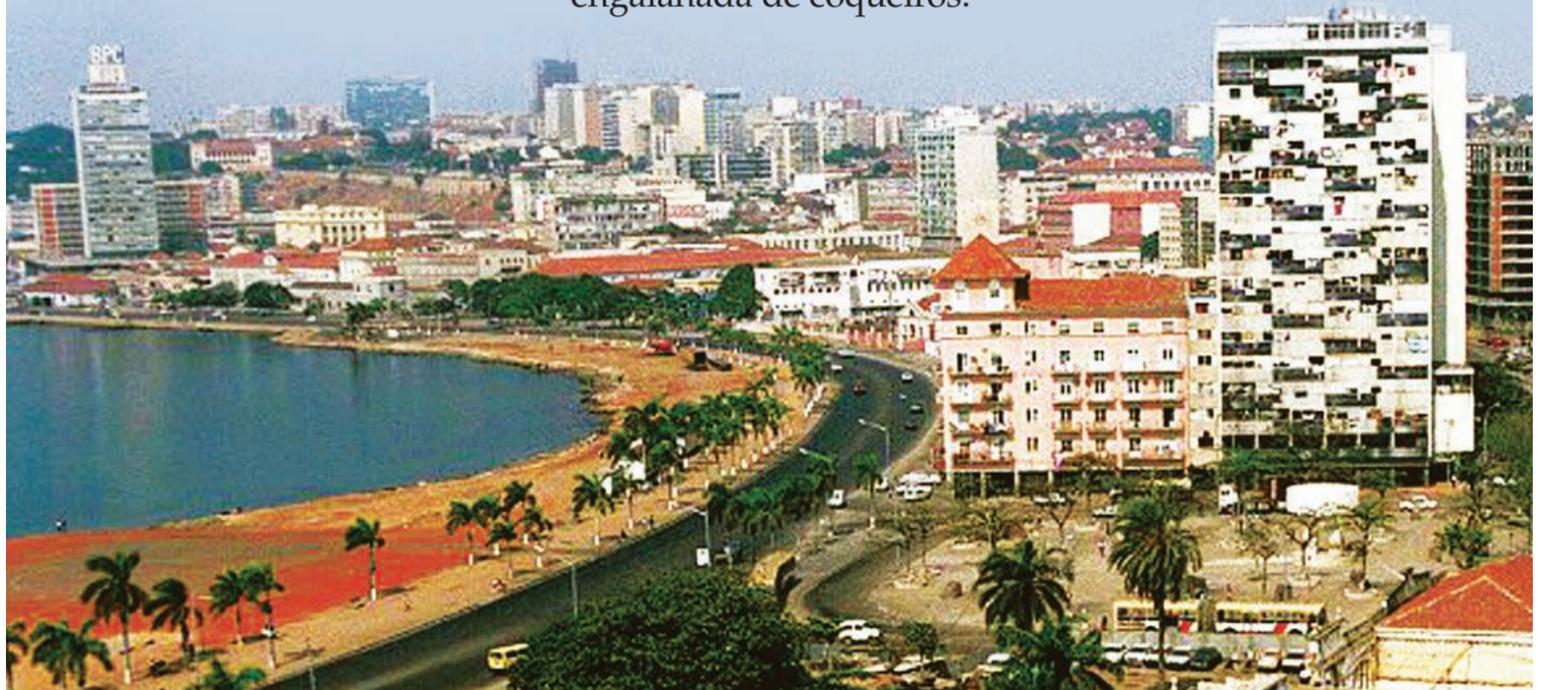
UMA CIDADE SUFOCADA

António Venâncio

luanda.metropolitano@jornaldeangola.com

Um olhar sobre Luanda

A capital de Angola, Luanda, já foi uma grande cidade com dignidade mundial. Chegou mesmo a ganhar prémios e a admiração de turistas provenientes de várias latitudes, que a visitavam com boa frequência, sobretudo os portugueses, que se vislumbravam com o paisagismo da cidade e o lindo oceano Atlântico com sua Baía engalanada de coqueiros.



Se traçarmos uma linha divisória para separar o fim da monarquia em Portugal - a antiga colónia portuguesa - e a presença dos portugueses em Angola, veremos que passaram-se mais de 350 anos até que Portugal passou a merecer algum estatuto de potência colonizadora, com alguma capacidade de realização de acções e criação de vilas ou cidades dignas deste nome.

Assim, só no início do séc. XX se pode começar a olhar para Luanda como cidade com um certo rumo no desenvolvimento urbano, desiderato que viria mais tarde a conquistar, apesar de ter sido escolhida como capital da colónia por volta do ano de 1576 no séc. XVI.

A capital de Angola, Luanda, já foi uma grande cidade com dignidade mundial. Chegou mesmo a ganhar prémios e a admiração de turistas provenientes de várias latitudes, que a visitavam com boa frequência, sobretudo os portugueses, que se vislumbravam com o paisagismo da cidade e o lindo oceano Atlântico com sua Baía engalanada de coqueiros.

Mal pisassem os pés em terra firme, a partir mesmo do porto de Luanda, para onde navios carregados de passageiros atracavam periodicamente, faziam retratos para recordação ou, a partir do aeroporto, então chamado "Aeroporto de Luanda Craiveiro Lopes", chegavam ao centro da cidade maravilhados com o modernismo até então existente.

Em 1974, Luanda não albergava mais de 450.000 habitantes. As suas infraestruturas técnicas davam resposta às necessidades dos seus habitantes, com algum défice, mas de modo a satisfazer minimamente. As obras, visando acudir o crescimento populacional; a edificação de bairros modernos e prédios; as acções de reordenamento e realojamento habitacional, cobriam toda a extensão da cidade desde os musseques até ao centro da cidade.

Depois que foi construída a actual avenida Lenine, antes chamada avenida Brito Godins, a cidade ficou claramente dividida entre o que os luandenses hoje dizem a "Baixa de Luanda" e os bairros mais pobres da cidade designados por musseques.

Não foi tão rigorosa essa destrição, já que alguns dos bairros pobres (musseques) ainda se encontravam na parte Baixa da Cidade até que surgiu o bairro Operário, que deu um outro ar à cidade e marcou a primeira concentração de fa-

mílias africanas, que constituíam já uma certa elite intelectual na época, seguindo-se depois o bairro Marçal, Rangel e por aí em diante.

Destes bairros, o Rangel foi o que maior número de moradores registou. Liderou o crescimento populacional anual durante muitos anos e transformou-se num local rico de histórias e memórias, aliás, o local onde os maiores acontecimentos de peso político tiveram lugar, tal como por exemplo a concentração dos antigos combatentes do 4 de Fevereiro, os quais partiram das imediações dos armazéns da Dona Amália, naquele bairro, para o ataque às cadeias portuguesas e esquadras da Polícia de Segurança Pública, no ano de 1961.

ÁGUA E ENERGIA

Enquanto Luanda crescia do ponto de vista urbanístico, era possível destacar os esforços por dotá-la de um sistema de distribuição de água potável a partir de centros de distribuição. A água era trazida em estado bruto de Kifangondo para o Marçal e aí se processava o seu tratamento e distribuição para a cidade ou, a partir do Cazenga, para zonas periféricas mais a sul do rio. A partir do Kikuxi, o sistema atendia as necessidades de Viana e cercanias. A distribuição de água no Rangel era feita de forma mais rudimentar por meio de chafarizes ou, em alguns casos, a partir de ligações privilegiadas atribuídas aos comerciantes estabelecidos nos musseques.

A energia eléctrica, nos anos 70, era insuficiente para atender a demanda e nos musseques usavam-se bastantes lamparinas, candeeiros na maioria das casas, dada a morosidade com que o processo de alargamento do sistema de fornecimento de energia se processava.

A iluminação pública, entretanto, era sempre garantida para permitir uma maior vigilância policial, dada a insegurança sentida pelas autoridades portuguesas que temiam por acções clandestinas mais eficazes na luta pela libertação nacional. As várias lojas de comerciantes eram iluminadas preferencialmente com candeeiros do tipo "Petromax", abastecidos com petróleo iluminante, insuflados por uma pequena bomba de alimentação de ar, o que dava ao espaço uma luz branca que era agradável aos olhos de quem dela usufruísse.

DIVERSÃO

O ambiente recreativo nos vários bairros de Luanda era efusivo e muito acalorado. Vários salões de farra recebiam gentes de todas as partes e os conjuntos musicais animavam as festas de quintal ou de salão.

Vários cinemas espalhados por todos os bairros acolhiam os habitantes. Bares, restaurantes e esplanadas eram vistas muitas vezes abarrotadas de gentes. Com alguma discriminação racial, o clima só melhorou a partir dos meados dos anos 60 e início dos anos 70. Os alunos eram vistos em escolas e os hospitais serviam razoavelmente as populações necessitadas. A vida nos musseques era própria de gente humilde e várias famílias tinham sempre o abastecimento em alimentos garantido a partir de lavras existentes nas zonas periféricas do Camama, no actual Sanatório e Viana, na época matas com alguns animais do mato de pequeno porte.

CRESCIMENTO POPULACIONAL

Com o eclodir da guerra civil, depois do golpe de Estado em Portugal, em Abril de 1974, verificou-se um movimento de fluxos abruptos de cidadãos para a cidade capital, um fenómeno que não mais veio a estancar-se, e de certa forma, até aos dias de hoje. De 450.000 habitantes em 1974, Luanda conhece hoje, em cálculos empíricos, mas muito próximos da verdade, cerca

O Rangel foi o que maior número de moradores registou. Liderou o crescimento populacional anual durante muitos anos e transformou-se num local rico de histórias e memórias, aliás, o local onde os maiores acontecimentos de peso político tiveram lugar.



DESORDEM URBANA DEMOLIÇÕES DE ZONAS HISTÓRICAS DA CIDADE

Foi tamanha a desordem urbana que muitos dos melhores espaços, os potencialmente mais ricos e até históricos, sofreram transformações de carácter irreversível, as quais retiram qualquer possibilidade de uma restauração da capital.



PROPOSTA UMA NOVA CAPITAL

Sem a criação de condições que possam devolver à cidade de Luanda a sua dignidade de capital do país, a cidade não terá qualquer hipótese de sobreviver como tal, o que conduziria para a realização de estudos no sentido de uma implantação de uma futura nova capital em parte do país.

de 10.000.000 de habitantes. Como é de calcular, a variação é extraordinariamente violenta para uma cidade. Acresce o facto de a cidade ter parado as acções urbanísticas que deveriam continuar, devido a guerra, e por muitos anos. Como resultado, Luanda não pode comportar tanta sobrecarga demográfica e o seu destino futuro caiu na total incerteza. Pode dizer-se que estamos perante uma falência técnica da cidade capital.

A cidade de Luanda perdeu a capacidade de vencer o desafio de oferecer ao país a dignidade de uma cidade capital. Nem um optimismo moderado me permitirá afirmar o

contrário. Em boa verdade, foi tamanha a desordem urbana que muitos dos melhores espaços, os potencialmente mais ricos e até históricos, sofreram transformações de carácter irreversível, as quais retiram qualquer possibilidade de uma restauração da capital, sem que para tal sejam alocadas verbas tremendamente colossais, dificilmente disponíveis no país.

Registou-se também acções de demolição de peças históricas importantes por entidades públicas e particulares, actos de imperdoável negligência muito censurados pela sociedade.

ORGANIZAÇÃO URBANA

A ORGANIZAÇÃO do centro da cidade, com um melhor aproveitamento dos já exíguos espaços disponíveis, acarretaria numa tomada de medidas bastante radicais. Uma delas, seria a inevitável substituição dos carros de praça de aluguer e passageiros, vulgo candongueiros, os quais tomaram toda a cidade, circulando diariamente em milhares de unidades, devendo os mesmos serem substituídos por transportes colectivos públicos. Os autocarros seriam introduzidos paulatinamente em substituição dos designados "taxis de candongueiro".

A elevada taxa demográfica de Luanda implica uma nova política de transportes públicos para Luanda que vise apoiar os habitantes nas suas deslocações mais confortavelmente para as suas zonas habitacionais; para o serviço, para as novas urbanizações; para o centro da cidade e periferias.

Por sua vez, a natureza comercial e de passageiros dos actuais veículos que substituíram os autocarros públicos, poderão ser melhor apro-

veitados para ligações mais distantes, intermunicipais ou interprovinciais, libertando os espaços para as manobras de veículos de maior dimensão e mais económicos.

Haverá também a necessidade de uma reorganização das zonas comerciais para que os habitantes possam abastecer-se de alimentos a partir de pontos limpos e asseados. O peixe, a carne, outros produtos alimentares perecíveis, não encontram espaços apropriados e suficientes, devidamente organizados para a sua comercialização.

A limpeza da cidade e a recolha de resíduos sólidos, ainda são processadas a partir de métodos absolutamente arcaicos e anti-higiénicos. O consumo de água potável não está assegurado na proporção devida, havendo ainda muito consumo de água imprópria para consumo humano. A escassez de habitações tem sido um verdadeiro quebra-cabeças para os luandenses. A mobilidade rodoviária é muito condicionada, com constantes engarrafamentos, muito frequentes em hora de ponta nas principais avenidas.



MOBILIDADE É necessário nova política de transportes públicos

PLANO DE RECUPERAÇÃO

A TENTATIVA DE CORRIGIR

erros cometidos e disciplinar o uso dos solos levou a aprovação de um Plano Director para a cidade (depois de fracassados outros anteriormente elaborados) que para a sua materialização, até 2030 como inicialmente previsto, abarcaria uma verba rondando os 20.000.000.000,00 de dólares.

Existem várias ideias e distintas apreciações feitas por especialistas e profissionais ligados ao urbanismo e a construção. Todavia, considero que um eventual plano de salvação da cidade de Luanda passaria pela implementação de um ambicioso programa de recuperação de curto, médio e longo prazos, o qual deveria colocar como linha mestra 3 objectivos gerais:

- Adopção de medidas de maior controlo e contenção dos actuais fluxos migratórios que continuam a congestionar Luanda, oriundos de províncias do interior;

- Implementação de modelos de gestão urbana, descentralizados e desconcentrados, em paralelo com a reformulação e reestruturação física de todo o sistema básico de saneamento da cidade nas suas 5 vertentes e de modo integrado;

- Ligações rodoviárias - complementadas com o modal ferroviário - de grande velocidade de projecto, capazes de gerar fluxos migratórios pendulares a partir da cidade capital para o interior do



AUTO-ESTRADAS Construção pode garantir mais conforto no trânsito

país, redinamizando as carreiras de transportes de passageiros, a camionagem e, com a maior segurança conseguida, estimular as deslocações automobilísticas de turismo. Para atal, é necessário garantir um maior conforto e reduzir drasticamente os actuais níveis de sinistralidade. Para tal, só mediante o recurso a construção de autoestradas de modo paulatino, mas decisivo.

garantir um maior conforto e reduzir drasticamente os actuais níveis de sinistralidade. Para tal, só mediante o recurso a construção de autoestradas de modo paulatino, mas decisivo.

SANEAMENTO BÁSICO

A INEXISTÊNCIA de saneamento básico na maior parte do espaço territorial da cidade tem conduzido a situações de saúde muito preocupantes, dada a precariedade do meio e a falta de condições de habitabilidade mínimas em várias zonas da cidade. Condomínios de luxo foram ocupados sem certificados de habitabilidade emitidos pelas autoridades e seus ocupantes sofrem várias vicissitudes, sobretudo em tempos de chuva.

As zonas verdes, os pulmões da cidade, deverão ser reanimadas e cuidadas, pois muita área verde foi abatida para dar lugar ao "betão", o que reduziu a produção de oxigénio, um bem indispensável à saúde.

As áreas agrícolas para o abastecimento dos habitantes deverão

ser garantidas e os pontos de distribuição deverão estar operacionais.

A zona industrial para a transformação e a manufatura, onde se possa gerar empregos em quantidade, deverão ser incentivadas e apoiadas.

O lazer e a recreação, bem como os recintos e lugares de cultura deverão ser restabelecidos e voltar funcionar em pleno. Todos os equipamentos sociais indispensáveis para a dignidade funcional de uma cidade como Luanda deverão ser garantidos. No fundo, sem a criação de condições que possam de-



vol-
ver à
cidade
de Luanda a
sua dignidade de capital do país, a cidade não terá qualquer hipótese de sobreviver como tal, o que conduziria para a realização de estudos no sentido de uma implantação de uma futura nova capital em parte do país.



SOMOS TODOS RESPONSÁVEIS

ACORDOS NAS ESTRADAS

EU ASSINO



PROMOTORES:



Comando Geral da Polícia Nacional



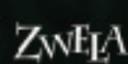
Direção Nacional de Tráfego e Transportes



COM O APOIO DE



ORGANIZAÇÃO:





SALAS NETO MERCADOS INFORMAIS DOS PINCHOS

Os primeiros carros para cidadãos comuns seriam adquiridos com base nesse esquema. Acabariam por surgir os candongueiros, multiplicar-se-iam os mercados informais dos pinchos e bugingangas.



OSVALDO GONÇALVES ALÉM DA FEITIÇARIA

Kianda jamais se submeteria a um jogo do estilo "espelho meu, espelho...", pois os seus poderes vão além da feitiçaria. Mas as mudanças estão aí. Embora ligeiras, ou de alguma forma até subtis, essas mudanças são notadas na generalidade, como referências na literatura e na música.

CRÓNICAS DA KIANDA

OSVALDO GONÇALVES



KIANDA EXISTE SEREIA NÃO

A representação da Kianda em forma de sereia é atribuída aos missionários católicos que, sobretudo no tempo da "sagrada Inquisição", combateram detodas as formas e com todas as armas quaisquer que fossem as formas de credo dos angolanos. Fossem representativas, através de objectos de culto, fossem espirituais, todas as formas de credo eram tratadas como feitiçaria; adivinhos e feiticeiros eram atirados para fogueira sem distinção, confundindo de propósito o bem com o mal, de forma, não apenas a despi-los de todo o valor positivo, mas a endemoniá-los. O modo de os angolanos encararem qualquer evento que de alguma forma ultrapassasse os normais conhecimentos da ciência, incluindo o tratamento de doenças, quer fosse com respeito e admiração quer fosse com apreensão, era desprezado pelos colonialistas, e os seus praticantes tratados com desconfiança e/ou animosidade. É Pepetela que, em "A Gloriosa Família - O Tempo dos Flamengos" nos descreve a forma como o prelado católico lidava com os rituais africanos e seus objectos de culto, todos amontoados e expostos ao fogo da suposta purificação. Além disso, desenvolveu-se uma política forte de aculturação, de menosprezo pelas raízes, a começar pelas línguas maternas. As línguas são mais do que simples transmissores de mensagens entre emissores e receptores; seja qual for o código usado, a palavra pode ser municada e tornar-se numa importante arma de combate. Vários episódios da luta de libertação nacional são exímios exemplos de como os angolanos armaram a palavra. No extenso livro "Papéis da Prisão...", José Luandino Vieira refere que os nacionalistas falavam em "chuva" após cada noite de distribuição de panfletos em Luanda. É curioso verificar que a redução da ideia da Kianda à condição de simples elemento mitológico é de tal forma efectiva que nessa base que todos, sobretudo aqueles que, tomados por algum desequilíbrio mental ou emocional, inventam, ainda hoje, contactos de elevado grau, experiências de abdução, raptos de que teriam sido vítimas, passaram a "vê-la" travestida de sereia.

A falsa representação tomou conta de toda a capacidade de recriação mental do mito, arte incluída, e com esta última a mentira ganhou forma, ganhou até... beleza. A Kianda jamais se submeteria a um jogo do estilo "espelho meu, espelho...", pois os seus poderes vão além da feitiçaria. Mas as mudanças estão aí. Embora ligeiras, ou de alguma forma até subtis, essas mudanças são notadas na generalidade, como referências na literatura e na música. Mas é com satisfação que vemos essas reclamações, embora escassas, de figuras proeminentes que, se não as fazem directamente ou na boca do narrador, dão-lhe forma nos diálogos dos personagens e em falas contundentes.

"Não - disse mais velho Kalumbo com súbita irritação. Isso é coisa dos brancos, a sereia é deles. Kianda não é metade mulher metade peixe, nunca ninguém lhe viu assim. Os colonos nos tiraram a alma, alterando tudo, até a nossa maneira de pensar Kianda. O resultado está aí nesse país virado de pernas para o ar." O parágrafo é uma passagem de "O Desejo de Kianda" (1995, pág. 98) de Pepetela.

Pepetela é uma referência obrigatória da literatura angolana. Prémios Nacional e Camões de Literatura, o escritor faz-se notar por uma postura comedida. Arriscamo-nos mesmo a reproduzir as palavras de um leitor ouvidas num ambiente descontraído, em Luanda: "Pepetela não fala à toa!" Na verdade, Pepetela não fala, escreve. E se escreve, supõe-se que seja lido. Mas, quem lê? O hábito de ler em Angola é extremamente baixo e uma das causas apontadas é o preço dos livros, demasiado alto para a maioria, em que se incluem aqueles que lobrigam a Kianda como um simples ser mitológico. A Kianda existe, a sereia não.

Nota: este texto foi publicado há tempos no Jornal de Angola, na rubrica "Crónicas da Lambula". Infelizmente, em conversas posteriores, constatámos que, devido a falhas nossas ou por preconceito alheio, as ideias que procuramos transmitir foram de todo deturpadas. Assim, por sugestão dos editores deste suplemento, retomamo-lo hoje aqui.

Ecos do Areal

SALAS NETO



LADROAGEM PARA EXPORTAÇÃO

Se calhar, agora não mais com o mesmo entusiasmo de antes, em razão da cegueira de que passei a sofrer, mas sempre gostei bué de viajar, sobretudo para o estrangeiro, claro. A primeira vez que pus o meu rabo num avião, foi para ir direitinho à Roma, a caminho de Belgrado, na então emanharada federação jugoslava de Josef Broz Tito, que seria à época o país socialista mais ocidentalizado, embora continuasse a haver algum racionamento de certos produtos. Só assim se explica, por exemplo, que tenha conseguido fazer um bom negócio da candonga com farrapas que havia comprado na Itália, algo a que seria obrigado por má planificação.

Estava-se em 1983, tinha eu 23 anos e muita inspiração. De resto, só alguém com igual espírito aventureiro escolheria um país do bloco comunista para viajar a turismo, quando a quase totalidade dos angolanos que conseguiam sair ficava-se por Lisboa e pelo Rio de Janeiro. Na altura, o regime comunista de José Eduardo dos Santos tinha concedido uma surpreendente e extraordinária abertura aos seus cidadãos, permitindo-lhes que viajassem para qualquer país do mundo inteiro, à excepção da então racista África do Sul. E mais: com direito à compra a preço oficial de 620 dólares por pessoa.

Só que isso parece ter sido uma maldição. Como preto, assim que vê assucar, quer logo tomar chá, acho que foi a partir daí que começou a bandidagem: muitos tratavam os documentos para toda a família, recebiam o cumbu correspondente, mas só o chefe seguia viagem, intrujando-se deste modo o bom do Estado. Os primeiros carros para cidadãos comuns seriam adquiridos com base nesse esquema. Acabariam por surgir os candongueiros, multiplicar-se-iam os mercados informais dos pinchos e bugingangas, as kinguilas entrariam em cena e tudo começaria a ficar lentamente de patas para o ar. Ainda consegui bisar no mesmo sistema, indo para Lisboa em 1985. Desde então, foi só somar e seguir. Conheci mais de 15 capitais africanas, umas dez europeias e apenas uma asiática. Na América só conheço o Rio de Janeiro, embora já tenha ido ao Brasil quase 20 vezes. Esta história do «Luandaleeks» trouxe-me grandes recordações duma delas, ocorrida numa altura em que a nação do samba, ainda com a Dilma, vivia um momento de intensa agitação política, marcado por um generalizado e gigantesco movimento de protesto contra a corrupção e a delapidação do erário pelas elites governantes e dos arredores, havendo notadamente algumas similitudes entre as realidades dos dois países nesses particulares. Daí a indução. Muitas das grandes cidades estavam em polvorosa. Havia confrontos entre os contestatários e os apoiantes da presidente, que resistia a todo o custo ao veemente

«convite» das massas para a renúncia. Chegar a um país num ambiente de quase guerra civil como esse dava uma cangufa daquelas. Mas, jornalista que é jornalista, mesmo estando acagaçado, tem de parecer que não. São os tais ossos do ofício. Tinha de seguir. E foi o que fiz.

À chegada ao hotel onde normalmente me acomodava, em Copacabana, um plantão de polícia montado à porta confirmava que a situação no Rio de Janeiro, tal como em outras cidades, continuava periclitante. E os protestos estavam longe de acabar, uma vez que as principais centrais sindicais do país programavam uma paralisação geral.

As contestações giravam à volta de exigências básicas no domínio da saúde, educação, transportes, salários, assistência social e corrupção, diante do que o povo considerava como um

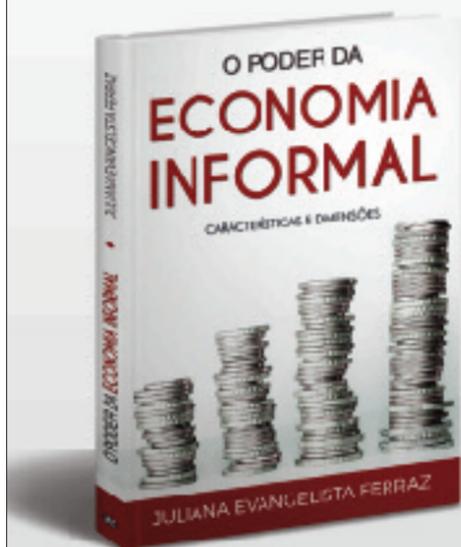
despesismo despropositado com a organização de duas importantes competições mundiais, uma a seguir a outra, quando faltava muita coisa para atender as necessidades mais elementares do povoleú. «A Alemanha gastou 13 biliões de dólares, a África do Sul investiu 17, mas o Brasil já vai em 28, quando muito há ainda por fazer. Quer uma explicação para isso? É que lá não há tanta ladroagem

como aqui. Nós temos ladrões até para exportar», diz-me o sabidão de um taxista a quem contratara para umas voltas pela cidade a trabalho, num dia desses. «É incompreensível que o governo tenha tanto dinheiro para aplicar na organização de competições desportivas que só acabam por trazer prejuízos e não o tenha para satisfazer as nossas necessidades básicas», sublinhou o bom do homem, antes de considerar que o Brasil, tendo beneficiado da generosidade de Deus em termos de extensão, população e recursos naturais (e sem terremotos nem furacões ou tsunamis), podia muito bem dar ao seu povo uma vida de primeiro mundo, algo que, para ele, só não acontece devido à corrupção e à escandalosa roubalheira dos dinheiros públicos. Depois de umas curvas e contracurvas, atira de rompante esta pérola para mim: «Ó cara, já ouvi que no teu país também não se brinca em serviço quanto a isto. É verdade?». E eu, algo embaraçado, na resposta: «Sei lá. Quem te disse? Olha que é preciso ter provas, ó patriócio!». Escusado dizer que nos pusemos a rir, até que nos separamos uns cinco minutos mais tarde. Claro que, se fosse hoje, com o kipupo de provas apresentadas no «Luandaleeks», teria dado ao homem uma resposta mais responsável. Agora já só faltam as incriminações documentais para os casos dalguns outros grandes tubarões, já que a moça não será seguramente o único suposto «metralha» que o país produziu ao tempo do velho Naná.



O PODER DA ECONOMIA INFORMAL

UM LIVRO DA ECONOMISTA
JULIANA EVANGELISTA FERRAZ



Doutorada em Economia e docente universitária. Também é analista económica, do Jornal de Economia e Finanças das Edições Novembro, Angop e Revista Figuras e Negócios.



O seu percurso profissional inclui a participação nos sectores das telecomunicações e bancário. Actualmente é Directora do Gabinete de Auditoria Interna, do Banco de Desenvolvimento de Angola. Em 2009 publicou o seu primeiro livro de gestão *Inovar para Prosperar*.

Lançamento no dia 30 de Janeiro na Biblioteca Nacional às 18h00.

Com apresentação de Ricardo Dias, Economista e Director Financeiro da empresa Embalvidro e Cesário Carlos, Jornalista da FM Stereo.



APOIO



PATROCÍNIO



MÉDIA PARTNERS



(700.002a)

VENTOS DO SUL

O JORNAL REGIONAL DA HUÍLA, NAMIBE, CUNENE E CUANDO CUBANGO

PROPRIEDADE DA:



EDIÇÕES NOVEMBRO

Paixão pela imprensa



**BARTOLOMEU CARVALHO
PRODUTOS CHEGAVAM
A SER EXPORTADOS**

“Essas fábricas empregavam pessoas oriundas de várias partes do país e os produtos eram exportados para países como Botswana, Zimbabwe, Zâmbia, Moçambique e Zaíre, actual República Democrática do Congo”.



**ROSA JANUÁRIO
REVITALIZAÇÃO**

“Sugiro a revitalização urgente do parque industrial do Cazenga. Tínhamos tudo cá e dificilmente as pessoas deslocavam-se a outros pontos de Luanda para fazer compras. O Estado deve trabalhar para que as fábricas que estão paralisadas voltem a ocupar o seu lugar no contexto industrial do país”.

Fula Martins
luanda.metropolitano@jornaldeangolano.com

UNIDADES FABRIS

Parque industrial do Cazenga votado ao abandono

Em tempos idos foi considerado o segundo maior parque industrial do país. Com mais de 70 unidades fabris em funcionamento, das quais a Condel, Curbol, Vilar, IFA e a Mabor General, o Cazenga era motivo de orgulho para os luandenses.

O declínio do parque industrial implantado no Cazenga iniciou poucos anos depois da conquista da Independência Nacional. A falta de matéria-prima, mão-de-obra qualificada, manutenção dos equipamentos e gestão, aliada a mudança da economia centralizada para a de mercado, no início da década de 90, converteu o município em uma espécie de cemitério industrial.

Segundo apurou o *Luanda, Jornal Metropolitano*, a maioria das antigas fábricas foram transformadas em armazéns de venda a grosso e a retalho. Outras, funcionaram até finais da década de 90 e início do ano 2000. É o caso da Condel, então vocacionada no fabrico de condutores eléctricos.

Bartolomeu Carvalho, 64 anos, recordou que o Cazenga dispunha de uma gama diversificada de fábricas que empregavam milhares de pessoas. Visivelmente triste, referiu que o município chegou a ser considerado o segundo maior parque industrial do país, competindo com as províncias de Benguela e Huambo. “Essas fábricas empregavam pessoas oriundas de várias partes do país e os produtos eram exportados para países como Botswana, Zimbabwe, Zâmbia, Moçambique e Zaíre, actual República Democrática do Congo”, disse.

Antigo funcionário fabril, Bartolomeu B. Carvalho lamentou o estado de abandono em que se encontra o parque industrial do Cazenga e reafirmou que o seu desaparecimento deixou muita gente no desemprego e famílias sem rumo.

“As fábricas eram as que mais empregavam, mas a partir de meados dos anos 80 começamos a testemunhar a desgraça das mesmas”, disse, acrescentando que algumas encerraram as portas, outras foram transformadas em superfícies comerciais e armazéns de venda de alimento e vestuário.

Bartolomeu Carvalho considerou que restam apenas saudades dos bons tempos, tendo admitido que gostaria de ver as fábricas a funcionar para garantir emprego à juventude, ao invés desta se dedicar ao comércio informal. Apesar de existir algumas poucas que dão o ar da sua graça, Rosa Januário, 72 anos, moradora na 5ª Avenida, não se conforma com a situação. Contou que a produção era diversificada, desde calçados, cerveja, frangos, ovos, carne, vestuário, refrigerantes, pneus, cabos eléctricos, tintas, plásticos, colchões e carteiras, entre outros. “Tinha-



mos tudo cá e dificilmente as pessoas deslocavam-se a outros pontos de Luanda para fazer compras”, recordou

Condoída com a inversão do quadro, Rosa Januário sugeriu que a revitalização urgente do parque industrial deve constituir um dos principais desafios do Executivo. Acrescentou que este desafio deve congrega um plano integrado. “O Estado deve trabalhar para que as fábricas que estão paralisadas voltem a ocupar o seu lugar no contexto industrial do país, tal como foi no passado”, conclui.

PROCESSO DE ALIENAÇÃO

À época intituladas Unidade Económica Estatal, a Decorang, Curbol, Robert Hudson e Uniplástico, são algumas que não resisti-

ram ao processo de alienação das empresas do Estado a favor dos privados.

Segundo apurou o *Luanda, Jornal Metropolitano*, foram transformados em armazéns de venda de produtos alimentares, parque de estacionamento e oficina auto. No interior dessas empresas, ainda são visíveis as marcas de um passado de glória, que augura por um futuro de mudança.

A Sometal e a Indústria Fosfo-reira de Angola (IFA), por exemplo, mudaram de face. Uma ce-deu lugar a uma conhecida superfície comercial, enquanto a outra um armazém de uma empresa igualmente popular. A Nova Cervejeira “Nocal”, também não resistiu a crise. Está paralisada há mais de cinco meses.

GRUPO RESTRITO DE FÁBRICAS

APESAR DAS VÁRIAS mudanças económicas operadas no país, e a recente crise financeira, um grupo restrito de fábricas resiste. Funcionam regularmente. São os casos da cervejeira Cuca e as fábricas Condel e Vilar.

Construída em 1956, a Condel, que se localiza na 5ª Avenida, é a única empresa em Angola que se dedica ao fabrico de diversificada gama de ca-

bos eléctricos e equipamentos de telecomunicação.

Na mesma senda está a Sociedade Industrial Grosseria de Angola (SIGA). Em funcionamento há mais de seis décadas, mesmo nos períodos mais difíceis do sector industrial nunca conheceu nenhuma paralisação. Números obtidos por este jornal indicam que tem uma produção que ronda 400 mil toneladas e emprega 120 trabalhadores.

MBANZA KONGO

PATRIMÓNIO DA HUMANIDADE

PATRIMÓNIO ANGOLANO, AGORA DA HUMANIDADE

Mbanza Kongo é uma cidade secular com cultura rica e única que alberga construções históricas e vestígios da capital do antigo Reino do Kongo. A língua kikongo, a arquitectura, os rituais, os usos e costumes fazem parte do património imaterial sociocultural da região e agora são património da humanidade.





SANDRA ANTÓNIO
“CIDADE CONTINUA SUJA”

“No seu primeiro ano de governação considero que o desempenho não foi dos melhores. Prometeu que iria recuperar as vias secundárias e combater o lixo, o que não se verificou de todo. A cidade continua suja, com grandes amontoados de lixo e muitas vias completamente esburacadas”.



HELDA RIBEIRO
“INTERAGIR COM AS COMUNIDADES”

“O desempenho é razoável. O governador tem saído algumas vezes em trabalho de campo, embora o quadro não se tenha alterado. Um número significativo de estradas secundárias e terciárias continuam na mesma, sem falar das construções em zonas de risco. Gostaria que interagisse mais com as comunidades”.

GOVERNADOR DE LUANDA

Gestão de Sérgio Rescova divide luandenses



Ayane Vanusa
“Falta quase tudo”

“Nos bairros Mundial, Monte Belo e Malueca, falta quase tudo e muitas casas correm o risco de serem engolidas pelas ravinas. A escassez de escolas públicas, hospitais e esquadras policiais, fazem parte dos problemas que afligem os moradores. São situações que deveriam merecer atenção do governador”.



Baptista Kiteculo
“Descentralização administrativa”

“Em função da crise financeira, considero razoável o desempenho do governador. Por outro lado, gostaria que houvesse, de facto, descentralização administrativa e financeira, para que os administradores municipais e distritais pudessem tomar decisões sem o mando do governador da província. Creio que desta forma o trabalho será mais eficiente e funcional”.



Victor Hugo
“Mais escolas e hospitais”

“É prematuro fazer uma avaliação do seu desempenho. Porém, o governador deve priorizar a construção de mais hospitais, escolas, reabilitação das vias secundárias, abastecimento água potável, fornecimento de energia eléctrica e o combate a delinquência. Vivo no bairro Mundial e nunca vimos o governador no bairro em jornada de campo”.



Gonçalves Puto
“Soluções concretas”

“Acredito que o desempenho tem altos e baixos, mas gostaria que ele trabalhasse mais em projectos concretos. Não se pode remediar e sim dar solução definitiva, se não vamos continuar a ouvir o mesmo discurso que a cidade de Luanda não está preparada para receber enxurradas. É fundamental trabalhar na macro-drenagem”.



Gilasia dos Santos
“Pouco ou nada diferente”

“O desempenho não é dos melhores. Pouco ou nada de diferente foi feito, não vejo mudanças profundas e muitos bairros continuam em péssimas condições. O governador deve andar mais para melhor conhecer a realidade da província com vista a melhorar o que está bem e corrigir as coisas que estão mal”.



Fula Martins

luanda.metropolitano@jornaldeangola.com

Nomeado em Janeiro do ano passado para o cargo de governador de Luanda, pelo Presidente da República João Lourenço, aquando da tomada de posse, em cerimónia realizada na sede do Governo da Província, na presença do ministro da Administração do Território e Reforma do Estado, Adão de Almeida, Sérgio Luther Rescova apontou entre as prioridades a limpeza e recuperação das vias secundárias.

Entretanto, decorrido um ano, os cidadãos mostram-se divididos

em relação ao seu desempenho. Entre o desencanto e o voto de confiança, consideram pouco conseguido o seu desempenho.

Os depoimentos críticos apontam que Luanda continua a viver os mesmos problemas, desde a falta de escolas, hospitais, abastecimento deficiente de água potável, débil saneamento básico, vias de acesso degradadas, transportes públicos ineficaz, trânsito caótico, crianças de rua, ravinas e criminalidade acentuada. Apesar disso, Sérgio Luther Rescova conta com o voto de um segmento de cidadãos que acredita na mudança da imagem de Luanda, desde que haja envolvimento de governantes e governados.

tes e governados.

No essencial, os entrevistados do *Luanda, Jornal Metropolitano*, sugerem que o governador Sérgio Luther Rescova envolva mais as suas acções na busca de soluções que visam resolver os problemas que afligem os luandenses. Acrescentam que não se pode remediar e sim dar solução definitiva, sob o risco de se reviver as dificuldades.

Em resumo, entendem que o governador deve andar mais pelos municípios e distritos para melhor conhecer a realidade da província, de modo a melhorar o que está bem e corrigir as coisas que estão mal.

FILIPE VIDAL “REFILÕES DE CATETE”

Em Luanda, haviam grupos que estruturavam e davam corpo aos movimentos nacionalistas que interagiam tanto no interior das zonas urbanas como nas zonas rurais. Um destes grupos, que se notabilizou entre 1910/1918, foram os “refilões de Catete” ou os calcinhas de Icolo e Bengo.



REIVINDICAÇÃO RESISTÊNCIA A OCUPAÇÃO

Os movimentos nacionalistas, tiveram início nos primórdios do século XVIII. Mas foi nos anos 40 e 50, em Luanda, que começaram a empreender acções de reivindicação para independência e o aumento da contestação ao regime colonial, em Angola, com o surgimento de vários movimentos de libertação.

MOVIMENTO NACIONALISTA



Luanda liderou a resistência contra a ocupação colonial

Antes do “Processo dos 50” e o 4 de Fevereiro, os “refilões” ou “calcinhas” de Catete eram os exemplos mais vivos da resistência contra a ocupação colonial entre os anos de 1910/18.

António Pimenta

luanda.metropolitano@jornaldeangola.com

Luanda foi, desde o início do século XVIII, o berço de grande parte dos movimentos nacionalistas em Angola, que tiveram o seu ponto mais alto em finais de 1959 e 1961, com o surgimento do “Processo dos 50” e o 4 de Fevereiro de 1961.

Apesar de outros acontecimentos que se registaram antes, estes dois actos foram os que a história registou como a reafirmação da consciência do povo angolano para a necessidade de desencadear uma luta organizada pela independência de Angola, o que, na prática, produziu um abalo estrutural que iria reflectir-se na própria essência da sociedade colonial.

A ideia de independência fazia par-

Apesar das contradições que circulam à sua volta, os sucessos de 4 de Fevereiro foram atribuídos ao MPLA, que o assumiu como a data do início da luta armada contra o colonialismo português. Aos acontecimentos de Fevereiro, ter-se-iam seguido uma nova etapa do combate político-militar.

te do imaginário de alguns angolanos, desde o século XVIII. Porém, foi nos anos 40 e 50, em Luanda, que começaram a empreender-se acções de reivindicação para independência e o aumento da contestação ao regime colonial em Angola, com o surgimento de vários movimentos de libertação.

Uma importante historiadora da nossa praça, considerou o “Processo dos 50” como um acto de grande importância na luta de li-

CIRINEU BASTOS TRÊS PRIMEIRO-MINISTROS

Lopo do Nascimento, França Van-Dúnem e Fernando da Piedade Dias dos Santos, três antigos primeiro-ministros, saíram do Bairro Indígena, afirmou Cireneu Bastos com uma boa dose de orgulho a exaltar a importância da zona onde cresceu, no que diz respeito a sua participação nos movimentos nacionalistas.



PROVÍNCIA ULTRAMARINA DESPORTO E CULTURA

Norton de Matos, antigo governador da Província ultramarina de Angola, utilizando a teoria de Willie Linch, "enfraquecer a mente e fortalecer o corpo", juntou-se ao grupo dos iletrados, retirando espaço aos que, na altura, tinham algum conhecimento. Mas foi no desporto, na cultura e nos grêmios que os movimentos nacionalistas encontravam espaços.



REVOLUÇÃO POPULAR

Orgão do Comité Marxista-Leninista Português. OUIUBRO 1964 - N.º 1. Includes a table of contents with sections like EDITORIAL, SUMARIO, and EDITORIAL.



bertação nacional, pois "o envolvimento de pessoas pertencentes a vários estratos sociais também pesou muito a favor da consciencialização dos angolanos para a necessidade de lutarem pela independência".

O "Processo dos 50" é o nome com que ficou conhecida a prisão e o julgamento de um grupo de nacionalistas negros, mestiços e brancos, africanos e europeus que, insatisfeitos com a situação que se vivia na época, decidiram empreender um conjunto de acções clandestinas que conduzissem à independência de Angola. Ficou conhecido como o primeiro julgamento por questões políticas na Angola colonial.

A lista publicada continha 56 integrantes deste processo e constava uma mulher, Maria Julieta Gandra, acusada de apoiar as reivindicações dos patriotas.

Dois anos depois do "Processo dos 50" surgiram os acontecimentos de 4 de Fevereiro de 1961, acção de revolta protagonizada por grupos de angolanos que, armados com catanas, assaltaram algumas cadeias e outros objectivos militares e civis em Luanda, causando algumas dezenas de mortos e feridos entre os assaltantes e membros das forças militares e policiais.

Teve várias réplicas, segundo relatos da história, sendo os mais graves ocorridas ainda durante o mês de Fevereiro, resultantes da onda

Dois anos depois do "Processo dos 50" surgiram os acontecimentos de 4 de Fevereiro de 1961, acção de revolta protagonizada por grupos de angolanos que, armados com catanas, assaltaram algumas cadeias.

de repressão a que se seguiu.

Apesar das contradições que circulam a sua volta, os sucessos de 4 de Fevereiro foram atribuídos ao MPLA, que o assumiu como a data do início da luta armada contra o colonialismo português. Aos acontecimentos de Fevereiro, ter-se-iam seguido uma nova etapa do combate político-militar protagonizado pelo MPLA, centrada nas matas de Angola e nas selvas de Cabinda.

Segundo informações prestadas ao Luanda, Jornal Metropolitano, pelo historiador e antropólogo Filipe Vidal, o 4 de Fevereiro foi protagonizado por Cónego Manuel das Neves e Rosário Neto, um nacionalista angolano, segundo o historiador, com vínculos à FNLA.

MOVIMENTOS POLÍTICOS EM LUANDA

CONFORME DISSEMOS, os movimentos políticos em Luanda, não se restringiram apenas ao "Processo dos 50" e o 4 de Fevereiro. Uma série de outros acontecimentos políticos e culturais foram registados de 1910 até a altura da nossa independência.

A antiga capital da província do ultramar, de acordo com Filipe Vidal, era o centro das decisões, local onde estavam albergados os grandes cérebros que o país tinha a altura e que, na opinião de Filipe Vidal, estruturavam e davam substância os movimentos nacionalistas que interagiam tanto no interior das zonas urbanas como nas zonas rurais.

Um destes grupos, que se notabilizou entre 1910/1918, estamos a citar o nosso entrevistado, foram os "refilões de Catete" ou os calcinhas de Icolo e Bengo. Eram assim tratados os cidadãos angolanos que residiam nesta zona de Luanda, já com alguma instrução escolar.

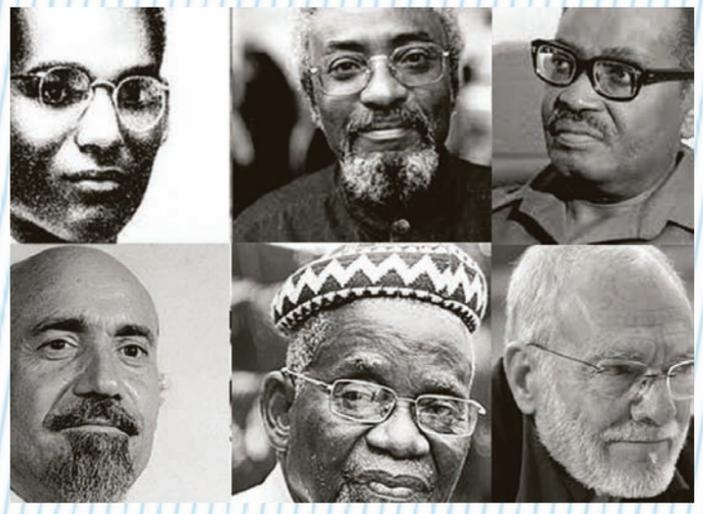
Em 1910, eles já sabiam ler e escrever. Destacavam-se entre os demais pelo aprumo na forma de vestir e na resiliência quando se tratava de exigir das autoridades coloniais melhores condições de vida para os africanos; o fim dos trabalhos forçados e o respeito pelas suas tradições, hábitos e costumes.

Filipe Vidal explica que esses negros apenas começaram a perder o seu protagonismo com a chegada a Luanda do Governador da Província de Luanda, Norton de Matos, que utilizando a teoria de Willie Linch, "enfraquecer a mente e fortalecer o corpo", juntou-se ao grupo dos iletrados, retirando espaços aos que, na altura, tinham algum conhecimento.

Para contrariar essas políticas, revela o nosso entrevistado, surgiram, em Luanda, os grêmios africanos, no caso concreto a Liga Africana e o Anangola, uma espécie de grupos associativos que eram aproveitados para, de forma disfarçada, debater questões relacionadas com o nacionalismo africanismo.

"É no desporto e na cultura e nos grêmios, que os movimentos nacionalistas tentavam encontrar os espaços para escapar ao controlo da polícia de repressão colonial", afirmou Filipe Vidal.

O historiador citou o exemplo de Demóstenes de Almeida que, associado a outros nacionalistas, fundou o Atlético de Luanda que, segundo ele, viria a se transformar



LIDERANÇA Figuras emblemáticas do nacionalismo angolano

mar mais tarde, numa verdadeira escola de políticos nacionalistas angolanos.

No campo da música, Carlitos Vieira Dias foi a grande referência, sem esquecer de mencionar, os Ngola Ritmos, Fogo Negro e muitos outros grupos que utilizaram a música como uma forma de resistência contra o colonialismo.

Na entrevista que tivemos com Cireneu Bastos, esse renomado artista da nossa praça falou-nos de alguns grupos que nos anos 60, em Luanda, davam cartas. Os irmãos Assis, a Garda e o seu conjunto e ainda o conjunto Melodia dos irmãos Mário e a Alba Clinton, o Chico Luanda e os seus manos, foram as grandes referências que nos tempos idos animavam as festas em Luanda.

Lembrou do Bairro Indígena, o lugar que o viu crescer, do tempo em que a Avenida do Brasil era tão-somente a rua "Sabendo Andar" e os filhos que o seu bairro gerou para a causa da nossa independência.

"Três primeiro-ministros, nomeadamente, Lopo do Nascimento, França Van-Dúnem e Fernando da Piedade Dias dos Santos, saíram do Bairro Indígena", afirmou Cireneu Bastos com uma boa dose de orgulho nos olhos a exaltar a importância da zona onde cresceu, no que diz respeito a sua participação nos movimentos nacionalistas em Luanda.

Para Cireneu Bastos, uma boa casta de políticos saíram ou têm as suas raízes no bairro Indígena.

O primeiro grupo onde esteve como cantor, explica, foi o Raio Negro ou Nzambi wa xikelela (Deus ficou Preto), que, a seu ver ilustra alguns dos artifícios que

utilizavam para resistir a ocupação colonial. Faziam parte do mesmo grupo Vunvun, El Belo, irmão mais velho do Santocas, Zé Miranda, Morgado Amaral e muitos outros.

Embora muito jovem, naquela altura, Cireneu Bastos era conhecido pela sua rebeldia contra as autoridades coloniais, os métodos de reivindicação que utilizava, deixando perplexa muito boa gente, "Trajar um facto branco, de marca Pierre Cardin, com gravata e aparecer em plena Baixa de Luanda, descalço era algumas das táticas que eu utilizava", explica.

Segundo Cireneu Bastos, o regime colonial defendia uma teoria que quanto mais distraísse o preto, menos ele pensaria em política. Foi assim que começaram a surgir em Luanda muitos centros recreativos.

"Mas, contrariamente ao que eles pensavam, o tiro saiu-lhes pela colatra. Foi nestes centros onde, para além da cultura, os angolanos faziam política", afirmou Cireneu Bastos.

O Botafogo, localizado atrás do Maxinde, no Marçal, o Grupo Teatral Ngongo, que fazia as apresentações na antiga Liga Nacional Africana, o Giro-Giro, no Marçal, o Club dos Ambrizetes, no Bairro Operário, Salão dos Anjos, no Sambizanga, eram os locais mais concorridos em Luanda e onde grande parte dos políticos actuais frequentavam para consertar ideias na clandestinidade.

De acordo com as suas declarações, muitos dos grupos que existiam na altura começaram a desaparecer a medida que os seus integrantes iam sendo detidos pela PIDE.



METRÓPOLE ELEVADO NÚMERO DE VISITANTES

A cidade de Luanda, durante o dia, chega a acolher mais de cinco milhões de pessoas que saem de outros distritos. Os equipamentos facilmente se degradam.



ORÇAMENTO 8,6 MIL MILHÕES DE KWANZAS PARA DESPESAS

O Orçamento já foi aprovado em 2019 e a Comissão Administrativa da Cidade de Luanda recebeu cerca de 8,6 mil milhões de Kwanzas. Mas, um terço deste valor será para pagamento de salários.

COMISSÃO ADMINISTRATIVA DA CIDADE DE LUANDA

Rosalina Mateta

luanda.metropolitano@jornaldeangola.com

A cidade de Luanda, apesar de ganhar novas infra-estruturas, até arranha-céus, continua a debater-se com velhos problemas.

Luanda é uma Cidade Metropolitana, onde habitam cerca de dois milhões de habitantes. Mas, durante o dia chegam a estar aqui mais de cinco milhões de pessoas que saem de outros distritos. Vêm trabalhar ou resolver qualquer situação ou até mesmo passear. Temos uma população muito intensa que muitas vezes exerce esta pressão sobre a cidade. Os equipamentos, as vezes, são reabilitados, mas, tendo em conta o fluxo de pessoas, facilmente se degradam.

O que fazer para melhorar saneamento básico?

A nível de limpeza, há os engraxadores, venda ambulante, meninos que colocam pedras ou botijas para reservar lugares no estacionamento, enfim... Relativamente a periferia, temos ainda o problema de saneamento básico por se resolver. Tendo em conta que algumas zonas dos distritos que ainda são musseques e não estão reabilitadas, temos que paulatinamente ir melhorando. Ainda temos zonas no distrito da Maianga, como por exemplo, o Catambor, bairro da Madeira e Catinton, que precisam de alguma requalificação. Mesmo que não cheguem lá os arranha-céus, teremos as ruas reabilitadas, as valas de drenagem em condições e tratados os resíduos sólidos. Outras dificuldades resultam das deficientes infra-estruturas de drenagem de águas. Agora que estamos em época chuvosa, há zonas que ainda são intransitáveis. Temos que ter motobombas para sugar as águas, porque também há residências que foram feitas em lugares inadequados. Há lugares onde há autênticas bacias de águas, como é o caso da Samba, na rua Heróis do Mar, a bacia do INORADE, o Sambizanga, na Frescura e no Bucavu, e Rangel. Mas, tendo em conta um trabalho que está a ser feito no sentido de reperfilhar as vias de drenagem, minimamente o trabalho tem sido feito. Para isto também contamos com o apoio das comissões de moradores.

Como solucionar as recorrentes faltas de água e de luz?

Temos algum problema de iluminação, sobretudo nas zonas mais periféricas na cidade. Há um programa, com apoio do governo da província, no sentido de melhorar a

Cidade regista ganhos e dificuldades

A Presidente da Comissão Administrativa da Cidade de Luanda (CACL), Maria António Nelumba, manifestou-se preocupada com as cerca de seis mil crianças que estão fora do sistema de ensino. Entre alguns ganhos, a cidade vive imensos problemas e não há muitas soluções à vista.

iluminação pública. A nível dos bairros, amiúde, as administrações vão fazendo alguma coisa para que as pessoas possam ter alguma segurança. Quanto ao abastecimento de água, é feito sempre com algumas dificuldades na zona periférica, sobretudo nos distritos do Ngola Kiluaje, onde houve uma intervenção no âmbito das 700- mil ligações domiciliárias, Programa Água para Todos-. As ligações estão feitas, mas não tem havido a capacidade suficiente para bombear água para estas zonas.

Há venda ambulante desenfreada, provavelmente incrementada pelo êxodo populacional. O que fazer?

Temos o problema dos mercados de Luanda. Temos os oficiais, mas ainda temos muita venda ambulante e em locais impróprios. As vezes, a população não entende bem. Quer vender em todo o lado, o que não deve ser. As vezes, há algum excesso da fiscalização, mas eles estão a fazer o trabalho deles... Os mercados foram construídos e as pessoas não querem vender no seu interior, preferem ficar na rua. O nosso objetivo é trazer alguma disciplina, no âmbito

do comércio formal para que possamos ter a cidade funcional, como em qualquer outra parte do mundo. Sabemos que há dificuldades económicas, que as mulheres precisam de alimentar as suas famílias, muitas são mães e pais, mas, também têm que entender que tem de haver disciplina. Outras actividades e serviços são desenvolvidos aqui. Luanda é a capital, é o centro político/administrativo, temos grande parte das empresas do Estado e não só aqui sediadas. Neste momento, também temos incorporado como actividade da administração a pesca artesanal, no âmbito do que foi feito para a transferência de competências a algumas administrações.

Como movimentar a cidade, à noite, do ponto de vista cultural?

A nível cultural, estamos a trabalhar no sentido de devolver alguma vida cultural à cidade. Estamos a trabalhar com algumas pessoas da Universidade Lusíadas e com a Administração da Ingombota para dar mais vida à esta zona velha da cidade. Temos sido pressionados para restaurar o Largo do Pelourinho que é um de grande relevância do ponto de vista histórico... Estamos

a fazer também um projecto para a reabilitação da Cacimba dos Reis que fica ali na Samba e que ninguém dá importância.

No âmbito do PIIM como é que as verbas chegam aos distritos e qual é o critério de distribuição e aplicação das mesmas?

O PIIM é um programa que tem vários projectos. Na Comissão Administrativa da Cidade de Luanda temos 14 projectos a nível do PIIM. Estes estão distribuídos por vários distritos urbanos. Alguns já existiam, estavam no PIP, e saíram para integrar o PIIM. Dos antigos, temos projectos que vão ser pagos no âmbito do apoio ao desenvolvimento, relacionados com aquisição de carteiras escolares, apetrechamento do posto policial da Boavista e acções de limpeza e saneamento. Estas acções são feitas em vários distritos. Temos a construção de campos polidesportivos que vão ser erguidos na Maianga, Neves Bendinha, Ngola Kiluaje e no bairro Operário. Foram os locais onde encontramos espaços para os fazer. Há aqui uma ressalva

que devo fazer, relativa a exiguidade de espaços. Estamos a fazer a reforma dos espaços no município de Luanda, a requalificação e reabilitações de escolas, incluindo a construção de três escolas. Estão igualmente em curso a requalificação da fase III da Zona Verde e a reabilitação do centro de saúde 4 de Fevereiro, na Marginal. Estas são as acções prioritárias, para as quais já há verbas. Temos certeza de que vão iniciar e terminar. Já há verba alocada para as obras do PIP que estão relacionadas com projectos sociais, nomeadamente, a reabilitação de escolas, construção de um centro de formação e o centro de saúde Sagrada Esperança e outras acções de combate a pobreza que visam melhorar as condições de vidas da população. Também prestamos apoio a cerca de 1500 ex -militares que vão ser enquadrados em vários projectos.

Quanto é que a CACL prevê gastar este ano?

O Orçamento já foi aprovado em 2019 e fomos contemplados com uma verba de cerca de 8,6 mil milhões de Kwanzas. Mas, um terço deste valor é para pagar salários. Para investimentos, temos cerca de um bilhão de Kwanzas para todos os projectos que enumeramos. Não vai ser fácil. Estamos limitados pelos orçamentos.

A complexidade de Luanda propicia a existência de poderes paralelos. Estes reflectem-se nas actividades diárias da CACL?

Bom, temos que saber gerir. Nós, aqui temos muita pressão, porque estamos próximo do Governo da Província de Luanda. Mas, não vou dizer interferência. Temos é que fazer um exercício, cada um dentro das suas responsabilidades, e saber respeitar as hierarquias.

No âmbito do princípio da subordinação, quais são os limites de actuação da CACL, quanto ao território?

Neste momento, regemo-nos por um diploma, em que a Cidade Administrativa tem uma presidente, três vice-presidentes (áreas económica, social e de infra-estruturas). Depois temos várias direcções que se encarregam de outras tarefas. Luanda tem sete distritos urbanos que se subordinam à Comissão Administrativa. Estamos em fase de transição, agora que foi aprovado um outro diploma, o decreto 202 /19,

6.000
CRIANÇAS
FORA DO
ENSINO



FALTA DE ÁRVORES CRIADOS PROJECTOS PARA MUDANÇA

A Administração da Ingombota começou a fazer uma grande campanha de limpeza e poda de árvores e vai iniciar o reflorestamento da Floresta da Ilha de Luanda.



PREOCUPAÇÃO CRIANÇAS FORA DO SISTEMA DE ENSINO

“Não é bom ter seis mil crianças sem estudar. Não temos escolas e espaços para construir outras. O que temos estado a fazer é aproveitar as escolas que ainda têm quintais grandes e colocar ali umas salas de aulas.

que vai dar independência e paridade com o governo da província. A presidente da Comissão Administrativa da Cidade de Luanda vai responder directamente ao chefe do poder Executivo. Já trabalhamos neste pacote e remetemos as nossas propostas ao Governo da Província de Luanda que, por sua vez, vai remeter ao Ministério da Administração do Território (MAT). Isso surge no âmbito da nova orgânica que o MAT está a desenvolver para adequar as administrações de melhor organização com objectivo de melhor resolver os problemas locais. Foram criados vários tipos de municípios A, B, C e D. Aqui em Luanda, alguns municípios são do tipo A, penso que um é do tipo B, C e um do tipo D, na Quiçama. Estamos à espera que, a qualquer momento, o nosso estatuto seja aprovado. A informação que tenho é que, a nível dos 164 municípios do país, 155 estão aprovados e faltam somente os de Luanda.

Os moradores do bairro do Sambizanga que estão nos edifícios da Marconi foram para lá no âmbito da requalificação?
Sim. Porque algumas viviam ali na estrada, cujas casas foram partidas, por estarem na via principal. Mas, o projecto devia continuar para que o realojamento pudesse ser completado. As dificuldades são financeiras e o mesmo se põe em relação a requalificação do bairro Operário.

Como fica a titularidade dos apartamentos do edifício Anangola, sabendo que os antigos moradores do bairro Operário que foram para lá ainda não receberam os títulos de propriedade?

O prédio tem um dono que é o Estado e está sobre alçada da Comissão Administrativa da Cidade de Luanda. Os moradores têm um título de ocupação. O que devemos fazer é dar continuidade ao trabalho que já tinha sido iniciado para a legalização do próprio edifício que precisa ser inscrito na matriz predial. Depois começa a desanexação para cada morador. As pessoas podem ficar descansadas, porque o prédio é do Estado. Não há problema algum. Eles vão ter os títulos para poderem registar os apartamentos na conservatória como propriedade deles.

Luanda precisa de arborização. O que está reservado à Floresta da Ilha de Luanda, zona verde do Alvalade e jardins do eixo-viário?

Vamos começar pela Floresta da Ilha de Luanda. A Administração da Ingombota começou a fazer uma grande campanha de limpeza e poda de

árvores e vai iniciar o reflorestamento, por ser uma zona que ficou bastante afectada porque houve ocupação de grande extensão de terra. Também estamos a trabalhar com a Embaixada de França que vai dar um financiamento para este fim. No âmbito do PIP há um estudo para requalificação da Floresta da Ilha. Em relação ao eixo-viário, é preciso mais limpeza e as áreas que foram devastadas merecem ser reflorestadas. Na Zona Verde há um projecto que já iniciou há bastante tempo. Foi finalizada a parte de restauração. Estamos a negociar o contrato de gestão daquilo que tinha sido feito num determinado sentido e que achamos não estar correcto. Por isso, estamos a fazer uma redefinição da ocupação daquele espaço. Gostaríamos que, no âmbito das festividades da cidade, aquilo pudesse estar aberto e funcional. Mas, há um ligeiro atraso na conclusão deste contrato. No âmbito do PIIM, também está contemplada a reactivação da fase III. As obras iniciaram em 2018, mas, no ano passado, não tivemos verbas.

O que é que já foi feito?
Na zona Verde já foi feito a fase I que contempla a entrada principal, tem um repuxo de água com luzes de led. Aquilo, à noite, vai ficar muito bonito. Tem três restaurantes e a zona do jardim. Casas de banho que vão servir não só os restaurantes, mas também o público. Esta é a primeira fase que já está terminada. Ainda nesta fase, no quintal vai ser feito um empreendimento para exposições de artes. A fase que está em curso tem um ateliêr, do tipo ATL, para as crianças, duas quadras de jogos e o resto é arborização... Temos um programa de reflorestamento na cidade de Luanda, na rua Ngola Kiluaje, Marginal, Samba e nova Marginal. Estamos a fazer a reabilitação de alguns jardins

no largo da Kinanga, em frente do Chamavo, fizemos uma pequena intervenção no Largo da Independência, e no Largo 21 de Janeiro, em frente a faculdade de Arquitectura. O problema principal é o da água para a rega destas plantas. Agora estamos a redefinir o tipo de plantas que não precisam de muita água.

Existe um número muito grande de crianças fora do sistema de ensino em Luanda. O que fazer?

É uma tarefa árdua. Não é bom ter seis mil crianças sem estudar. Não temos escolas e não temos espaços para construir outras. O que temos estado a fazer é aproveitar as escolas que ainda têm quintais grandes e colocar ali umas salas de aulas. É o que vamos fazer na Samba, na escola 17 de Setembro. No PIP saiu a construção de uma escola no Marçal. Mas ali, onde é que temos espaço para construir? Em alguns casos vamos ter que negociar com as famílias. No Ngola Kiluanje estamos a negociar com um senhor que vai nos ceder um espaço. Os munícipes sentem a necessidade de ter ali uma escola. Outra alternativa será implementarmos o ensino nocturno. Vamos encontrar locais onde este ensino possa funcionar. Mas, sabemos que há a questão da segurança que também pode interferir na nossa pretensão. Uma ideia que, as vezes, tem me ocorrido, é fazermos como se fazia antigamente. Havia professores que davam aulas em casa, depois submetiam os alunos a exames. Também pode ser uma alternativa, porque de facto é muito triste vermos um jovem de 14/15 anos que nunca foi à escola. Podia-se voltar a este sistema de ensino particular nesta vertente, com pessoas idóneas, enquanto esperamos por melhores soluções.

Em definitivo que solução se arranjou para a retirada da grua do Prenda?

Por causa da situação de risco dos moradores, a grua preocupava bastante. É facto que a grua está ali há mais de 40 anos. Está sob alçada do Ministério da Construção. Nós, como Comissão Administrativa da Cidade de Luanda não temos a solução. Mas, o que é certo é que a solução tarda a chegar. Com as chuvas que ultimamente têm caído, o nosso receio é maior. Se aquilo verga ou cai é uma tragédia...

Diante da conjuntura que traçou, Sambizanga e Rangel vão continuar a ser musseques?

Vão continuar musseques. Mas os musseques podem ser revitalizados. Há projectos que estão em curso, no âmbito do governo provincial, não tanto para o Sambizanga, bairro, mas abrangem o S.Paulo. Para o o Rangel, ainda estive lá ontem, uma senhora empresária, de origem etíope, apresentou uma solução que pode ser implementada, enquanto não chega a grande obra. Ela já fez o mesmo projecto no Morro Bento, em que fizeram reperfilamento das ruas e aplicaram betão nas ruas. A zona, pelo menos, em termos de higiene e sanidade melhorou bastante e quando chove não fica alagada. A maior parte do Rangel não tem redes técnicas elaboradas, então pode-se fazer o reperfilamento das valas, manter as ruas e as casas limpas e pintadas... Pensamos que a população do Rangel é activa e precisamos deste pequenos projectos, com soluções locais, para ajudar a mudar a imagem do bairro e dar-lhe mais dignidade. Para isto contamos com a colaboração de todos.

Há algum projecto para conservação e preservação dos antigos edifícios da Baixa de Luanda?

Projecto não existe. Temos feito o levantamento das infra-estruturas, observar o seu estado de conservação, porque isto é um projecto de grande envergadura que exige um financiamento bastante elevado. Neste momento temos outras preocupações, sobretudo com o saneamento básico para evitar várias doenças. Temos, por exemplo, bairros como Rangel, onde as pessoas quase não podem circular e que vivem praticamente em cima da água. Em relação a esta questão, é evidente que temos conhecimento que, a nível de algumas universidades, sobretudo da Lusíadas, que está aqui mesmo no centro da cidade, têm sido feitos alguns trabalhos. Mas do nosso lado, fazer um projecto em si destas infra-estruturas e requalificá-las, ainda não.

A meio de tantas dificuldades, em 2020 que cartão postal a CACL terá para mostrar aos cidadãos e aos turistas?

Podemos ter aquilo que está na carteira de investimentos públicos. O resto é a participação que pedimos, mais interacção com os cidadãos locais, mais parceria com aqueles empresários locais que nos podem ajudar a mudar o aspecto da cidade. Os projectos estruturantes estão a nível do Governo Provincial que são os aruamentos. Por exemplo, no Neves Bendinha será feita a melhoria de algumas ruas. No centro da cidade, vamos ver alguns aspectos ligados aos edifícios antigos. Na Ilha de Luanda, a Administração está a fazer um trabalho de melhoria das rotundas e da iluminação pública. Enfim, um conjunto de pequenas acções que nos vão ajudar a melhorar a cidade.

CONSTRUÇÕES NOS TERRENOS DESABITADOS DO BAIRRO OPERÁRIO VÃO SER DEMOLIDAS

A administração do distrito urbano do Sambizanga formou uma comissão para tratar do conflito ligados ao processo de requalificação e também declarou que está a ceder os terrenos desabitados no bairro Operário.

As pessoas que ainda estão a ocupar as casas, vão vê-las demolidas, porque foram lhes dada oportunidades para ir morar nas novas habitações que receberam. Não podemos novos espaços, sob o risco de que quando Esta-

do quiser implementar os projectos ter de indemnizar pessoas. Quando o Estado demoliu para requalificação teve de indemnizar. Portanto, quem estiver a ocupar os terrenos desabitados, seja a que título for, tem de saber que vamos demolir... Agora há aquelas habitações que os moradores também já foram para o edifício Anangola e outras zonas e que não saíram. Por isso, é que estão a ser feitas estas reuniões, no sentido de os intimar e dizer-lhes que tem de deixar as habitações. Quando eles saí-

rem de lá, as casas têm de ser demolidas para evitar ocupações por outras pessoas. É este o exercício que está a ser feito.

Mas, as cedências para os terrenos desabitados são a título precário.

Mesmo a título precário, vamos demolir. Se o objectivo era desactivar para dar continuidade a requalificação à zona porque que outros não-de ir lá morar? Nem a título precário podem ficar. Se mesmo naqueles que já

receberam não querem sair...

O espaço para a construção do campo polidesportivo é muito pequeno. Existem outros espaços no bairro Operário?

No âmbito da requalificação, estava previsto a construção de um campo multi-uso. Depois podemos fazer outro, o bairro é muito grande, queríamos fazer ali onde tinha um estaleiro. Por outro lado temos de criar uma estratégia para atrair o investimento privado.



FLORESTA DA ILHA PROVAS DE CORTA-MATO

A floresta da Ilha do Cabo foi até à década de 1980 palco de provas de corta-mato organizadas pelas organizações juvenil e infantil filiadas ao MPLA e por associações estudantis. Essas actividades deixaram de ser realizadas.



BESSANGANAS INDUMENTÁRIA ATINGE 14 METROS DE TECIDO

Somadas todas as sete peças, a indumentária das bessanganas chega a atingir 14 metros de tecido, em geral panos estampados e coloridos. A mesma compreende o mulele ua jiponda, mulele ua xaxi, mulele ua tandu e, por fim, um pano conhecido como bofeta.

ZONAS COSTEIRAS

À beira-mar plantados

Luanda comemora a 25 de Janeiro o 444º aniversário da sua fundação. A cidade nasceu junto ao mar. Nos últimos anos, tem crescido muito, tanto para Sul e Sudeste, quanto para Leste e Nordeste.



Oswaldo Goçaves

luanda.metropolitano@jornaldeangola.com

O mercado Roque Santeiro, por muitos considerado um dos maiores de África a céu aberto quando o seu endereço eram as barocas da Boavista, antiga Lixeira e Campo da Revolução, ou Rua Lueji A-Nkonde, se quiserem, mudou de lugar para o Panguila. É no Atlântico, do Panguila às Palmeirinhas, metendo pelo meio o Cacucaco, Boavista, Marginal, Ilha do Cabo, Praia do Bispo, Vorim, Samba, Ramiros e Mussulo, que Luanda assenta as suas raízes.

CONSTRUÇÃO DESREGRADA

Em todas essas zonas, assiste-se a uma exploração desregrada dos espaços. O ritmo de construção actual entra em contradição com outras atitudes tomadas antes pelas autoridades. Quando se vê edifícios altos serem construídos junto ao mar, em terrenos ainda sob a alçada da Capitania do Porto de Luanda, em zonas sem as infraestruturas técnicas necessárias ao fornecimento de água e electricidade e sem redes de esgoto, com reflexos directos sobre o ambiente, a única coisa que nos resta perguntar é como e quem autoriza que tal seja feito.

Nos cerca de sete quilómetros de extensão da Ilha, onde, segundo al-

Há tempos, contava-se a estória de um indivíduo que estacionava um carro de luxo à porta, enquanto os filhos dormiam numa esteira estendida no chão. Na Ilha, um casal vivia numa casa construída com capas de zinco, com chão de areia, mas tinha ar-condicionado e um televisor plasma de 60 polegadas.

guns historiadores, aportaram primeiro, em 1576, Paulo Dias de Novais e os 40 portugueses que o acompanhavam, entre marinheiros, soldados e clérigos, nascem hoje

edifícios altos, quando, há 30/40 anos não eram permitidas construções com mais de dois andares.

Nas zonas de maior densidade populacional dessa língua de terra

na boca do Mar todos os espaços, por menores que sejam, estão ocupados por construções, a maioria das quais precárias e, tal como acontece noutros musseques da província, já se contam estórias de funerais em que os caixões têm de passar pelas casas dos vizinhos antes de chegarem à estrada.

Enquanto as populações genuínas se veem obrigadas a dispersar, as suas casas e terrenos são ocupados por indivíduos detentores de recursos, mas com visíveis mau gosto e desrespeito pelo meio.

Há tempos, contava-se a estória de um indivíduo que estacionava um carro de luxo à porta, enquanto os filhos dormiam numa esteira estendida no chão. Na Ilha,



OCUPAÇÕES ILEGAIS DESRESPEITO PELO MEIO

Enquanto as populações genuínas se veem obrigadas a dispersar, as suas casas e terrenos são ocupados por indivíduos detentores de recursos, com mau gosto e desrespeito pelo meio. Será que as novas construções obedecem às normas de engenharia?



BAIRRO DOS PESCADORES E TUDO O MAR LEVOU

No Cacuaco, no antigo Bairro dos Pescadores, várias casas foram destruídas pelo Mar e, tal como na Ilha, as quitetas, búzios, lapas, mexilhões e até ostras desapareceram. Da praia, já nada se pesca, por mais longos que se façam os lançamentos. Os habitantes dos bairros situados na orla marítima continuam a enfrentar graves problemas.



ANARQUIA Erguidas na zona costeira muitas construções desobedecem as normas de engenharia

um casal vivia numa casa construída com capas de zinco, com chão de areia, mas tinha ar-condicionado e um televisor de plasma de 60 polegadas.

Embora caricatas, essas situações levam-nos a questionar se as novas construções obedecem às normas de engenharia, nomeadamente, no tocante à acessibili-

dade e cuidados com os incêndios. Mantém-se o respeito pela vizinhança? Para onde vão os dejetos e as águas pluviais? Que meios existem para recolha do lixo?

BESSANGANAS

AS MULHERES DESSAS ZONAS, devido, sobretudo, à forma de se vestirem, à culinária e ao modo de falar, são, de forma geral, chamadas bessanganas, embora na maior parte das vezes nada tenham a ver com essas "senhoras de respeito e boas famílias".

A indumentária das bessanganas que, somadas todas as sete peças, chega a atingir 14 metros de tecido, em geral panos estampados e coloridos, compreende o mulele ua jiponda (peça interior), mulele ua xaxi (pano trespassado cobrindo a parte superior), mulele ua tandu (tecidos trespassados na parte inferior) e, por fim, um pano conhecido como bofeta. O traje fica completo com um pano enrolado na cabeça em forma de lenço.

As populações costeiras cultivam credos tradicionais africanos ao mesmo tempo que praticam outras religiões, nomeadamente as ocidentais. As divindades que moram no imaginário dessa gente, como Kalunga ou a Kianda, dividem o mesmo espaço com as figuras da Bíblia.

As igrejas aproveitam-se da situação e nas suas festas, da Ilha ou do Cacuaco, associam as procissões aos santos padroeiros aos

rituais pagãos. Tanto faz se as rezas são para pedir saúde e felicidade ou se, ao contrário, buscam o mal pra outrem.

A festa da Kianda, que termina com a cerimónia de entrega de oferendas à deusa do Mar, a pedir Mar calmo e peixe em abundância, começa no Mussulo.

O nome Sambizanga, arrisca-se dizer, vem da junção de Samba e

Zanga (Ilha). Antigamente, as canoas usadas pelos pescadores do Cacuaco, Boavista e da Ilha vinham da Barra do Bengo e os da Samba, Corimba, Palmeirinas e Mussulo, eram provenientes da Barra do Kwanza.

O povo diz que as gentes desses bairros à beira-mar plantados têm a mesma origem, o que mais se nota nas festas de Carnaval.



TRAJE As Bessanganas, em regra, usam os tecidos de qualidade

FALTA DE INFRA-ESTRUTURAS

FALTAM ESCOLAS E HOSPITAIS, além de cinemas, teatros, discotecas, recintos desportivos, etc. A floresta da Ilha do Cabo foi até à década de 1980 palco de provas de corta-mato organizadas pelas organizações juvenil e infantil filiadas ao MPLA e por associações estudantis.

Essas actividades deixaram de ser realizadas e o movimento desportivo está limitado aos poucos clubes com modalidades de desportos náuticos ou a torneios de futebol organizados na praia por carolas.

As árvores antigas, como coqueiros, casuarinas e até algumas palmeiras de enfeite e tamarineiros, foram substituídas por novas espécies, sem que para tal fosse feito qualquer estudo.

O edifício da antiga Escola de Vela na Ilha, onde treinaram figuras importantes desse desporto, incluindo participantes em campeonatos do

Mundo e continentais, degrada-se a olhos vistos. Tornou-se um armazém onde se guardam caixas térmicas, bacias, algumas redes de pesca e linhas. Também ficam lá artigos para pequenos negócios, grades vazias de cerveja e gasosa.

No Cacuaco, no antigo Bairro dos Pescadores, várias casas foram destruídas pelo Mar e, tal como na Ilha, as quitetas, búzios, lapas, mexilhões e até ostras desapareceram. Da praia, já nada se pesca, por mais longos que se façam os lançamentos.

Os habitantes dos bairros situados na orla marítima continuam a enfrentar graves problemas de transportes. Com a concentração de empregos na zona Baixa e nos bairros de luxo, quem não estiver ligado, de alguma forma, à pesca e ao Mar é obrigado a percorrer longas distâncias para se deslocar de casa para o trabalho e vice-versa.

MOSAICO CULTURAL



COM O ÊXODO DA POPULAÇÃO, Luanda vem-se tornando um mosaico de línguas, nacionais e estrangeiras, e respectivos sotaques. Talvez atraídos pelo Mar, os deslocados preferem as zonas costeiras para viver.

Esse facto reflecte-se nas conversas do dia-a-dia, nos costumes e até na tiponímia, com nomes adoptados por meio da aculturação devida às telenovelas e seriados estrangeiros, sobretudo brasileiros a conviverem com designações provenientes de outras línguas nacionais que não o kimbundu, predominante na região.

Esses bairros são muito frequentados por crianças de rua, jovens e adultos deslocados de outras províncias. Antes, era a guerra que os trazia para Luanda. Hoje, outras razões estão por detrás do êxodo. As crianças de rua, que já foram mais e depois menos, são agora, na maioria, adolescentes e jovens sem emprego fixo. Prestam serviços como carregadores (roboteiros),

"bandeiros" (puxadores das redes de tração para terra, vulgo banda-banda) ou "escamadores" de peixe.

Sem dúvida que, para os agentes da polícia, tal como para os cidadãos, em geral, é difícil distinguir quando alguém aparece com uma faca, se se trata de uma arma branca, usada para cometer crimes, ou se é apenas um instrumento de trabalho. Desses rapazes, conhece-se a habilidade no manuseio de todo o tipo de objecto cortante ou perfurante. Também são muito referidas as brigas constantes entre esses jovens, o consumo de álcool e o uso de drogas.

Outro aspecto a ter em conta é a falta de documentos e outros meios de identificação. Após cometerem crimes, é difícil localizá-los. Os nomes usados são, em geral, alcunhas, muitas vezes adotadas de desportistas, actores ou cantores famosos. Além de facas, são usados cacos de garrafa, fáceis de achar em qualquer esquina de Luanda.

AGORA PODE CONSTITUIR UMA EMPRESA ONLINE PELO SEPE.GOV.AO

O SEPE ESTÁ SEMPRE A AVANÇAR. AGORA PODE
CONSTITUIR A SUA EMPRESA ONLINE DE FORMA
CONFIÁVEL E SEM COMPLICAÇÕES.



PERDOAR O PASSADO PARA CONSTRUIR O FUTURO.



É fundamental conseguirmos fomentar um diálogo convergente e que reforce a unidade e coesão plena dos Angolanos, com vista a perdoar, curar e honrar a memória das vítimas de violência física ou psicológica, resultantes dos conflitos ocorridos no nosso País durante o período da Guerra Pós-Independência.

A reconciliação, harmonia nacional e reconstrução da Nação têm como seus alicerces o tratamento social e institucional dos danos causados pelos conflitos

políticos desde a Independência, tratando-se por isso de condições essenciais para o desenvolvimento sustentável de Angola.

Esta iniciativa será pautada pelos princípios de Reconciliação, Historicidade e Perdão, tendo por base experiências internacionais de sucesso e valores tradicionais africanos, numa contínua afirmação do Estado Democrático e de Direito que estamos a construir em conjunto.

TODOS JUNTOS, CONSEGUIMOS.

www.abracareperdoar.ao



**Abraçar
e Perdoar**

COMISSÃO PARA A RECONCILIAÇÃO EM MEMÓRIA
DAS VÍTIMAS DOS CONFLITOS POLÍTICOS



@abracareperdoar





“ELIAS DYA KIMUEZO” VIDA DEDICADA À MÚSICA

Em 2011, Elias Dya Kimuezo foi homenageado na sétima edição do projecto “Palco das Recordações”. Foi o primeiro artista a receber a carteira profissional da UNAC.



“ZICO” TALENTO NATO

O talento de Zico não passou despercebido. A sua primeira internacionalização foi com a selecção de sub-20, que disputou o torneio de Toulon, França, sob orientação do falecido Carlos Alinho. Disputou o apuramento para o CAN da categoria, que se realizaria em 1995.

HOMENAGEM

Arcângela Rodrigues

luanda.metropolitano@jornaldeangola.com

Figuras emblemáticas de Luanda

Ao longo dos anos, várias figuras de Luanda têm se destacado em vários domínios, como na música, no desporto, na solidariedade, na religião, entre outros. O *Luanda, Jornal Metropolitano*, presta uma homenagem a estas figuras que marcaram e marcam a vida de milhares de luandenses.



JOÃO MATEUS JOAQUIM O “MANÉ GARRINHA” ANGOLANO

João Mateus Joaquim notabilizou-se como jogador nos clubes Marítimo da Ilha, Quartel dos Dragões, Textang, Libolo, Bembe Futebol, ARA da Gabela (Agrário Recreativo do Amboim) e Progresso do Sambizanga. Devido às suas pernas arqueadas e forma peculiar de jogar, os miúdos do bairro atribuíram-lhe a alcunha que o tornou famoso: “Man Garra”. Jogou ao lado de Joaquim Dinis “Brinca na Areia”, Chico Negrita, Jair, Lourenço, Bento Firmino, Dias, Sebastião, Guimarães, Matreira, Barros, Augusto, Santinho, Tito, Barros, Eduardo, Man Beto e outros. “Man Garra” ocupou todas as posições dentro do campo: foi guarda-redes, defesa, médio, ponta de lança, capitão de equipa e treinador.

Nasceu a 30 de Junho de 1947, no Sambizanga. Em meados de 1952, foi morar ao Marçal e depois ao Rangel. A mãe foi trabalhadora doméstica. Ainda pequeno, trabalhou para pagar os seus estudos, na escola São Domingos, no distrito do Rangel. No período da manhã frequentava as aulas e à tarde engraxava sapatos na zona dos Combatentes e no Quartel dos Dragões. Trabalhou como mecânico numa oficina que pertenceu ao exército Português, no R20. Actualmente é quadro reformado do Ministério das Finanças e uma das figuras do programa radiofónico “A voz dos kotas”, da Rádio Luanda.



DEOLINDA BEBIANA DE ALMEIDA COMBATE À POBREZA COMO MODO DE VIDA

Deolinda Bebiana de Almeida é coordenadora do programa “Força de Vontade”, criado em 2002, com o objectivo de combater a pobreza. O projecto apoia cerca de 500 famílias, retiradas da lixeira do Golf 2, município do Kilamba Kiaxi. Antiga representante do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) no Mali, Botswana, Madagáscar e República Centro-Africana, Deolinda Bebiana de Almeida resolveu

apoiar as famílias mais carenciadas, realojando-as no Zango 4, município de Viana, onde começaram uma nova vida, com base em boas regras de convivência, mudança de comportamento cívico e moral a nível da comunidade. O projecto “Força de Vontade” conta com uma escola do ensino primário e secundário, um centro de saúde e maternidade, financiados pelo Fundo de Apoio Social (FAS). A maternidade não funciona por

falta de equipamentos. O projecto foi erigido numa área de 33 hectares. Deolinda Bebiana de Almeida gostaria de ver o projecto a ser implementado em outras províncias do país, mas para o efeito diz ser necessário o apoio de órgãos governamentais, instituições públicas e privadas.





**“MAMÁ TINA”
DOM DA
PALAVRA E DA FÉ**

Mulher trabalhadora e temente a Deus. Ernestina da Silva Diogo Matias “Mama Tina”, como é carinhosamente conhecida pelos crentes, é apóstola da Igreja Ministério de Fé e Libertação.



**“MAN GARRA”
FAMOSO PELA ALCUNHA**

João Mateus Joaquim notabilizou-se como jogador nos clubes Marítimo da Ilha, Quartel dos Dragões, Progresso do Sambizanga, entre outros. Devido às suas pernas arqueadas e forma peculiar de jogar, os miúdos do bairro atribuíram-lhe a alcunha que o tornou famoso.

ELIAS DYA KIMUEZO

**A HISTÓRIA POR TRÁS DA “ENTRONIZAÇÃO”
“O REI DA MÚSICA ANGOLANA”**



Em 1960, a cantora brasileira Ângela Maria foi convidada a cantar em Luanda, pelo Centro de Informação e Turismo de Angola (CITA). Como uma das exigências para actuar na capital angolana, a cantora pediu que cantasse ao lado do rei da música angolana. Luís Montês, então responsável do CITA, convida Elias Dya Kimuezo, para partilhar o palco com a cantora brasileira.

Depois dessa actuação, o músico foi considerado o rei da música angolana. Em 1995, a União Nacional dos Artistas e Compositores (UNAC) reconheceu-lhe este título.

Elias José Francisco nasceu a 2 de Janeiro de 1936, numa pequena casa junto ao mercado do Xamavo, hoje do São Paulo, em Luanda. Começou a sua carreira artística em 1950,

no grupo “Ginásio”, como compositor. Em 1956, apareceu como intérpete e tocador de bate-bate, integrado o conjunto “Kizomba”, do Sambizanga. Nesta época fundou o agrupamento musical “Dikundus”. Passou pelos grupos “Makezu”, “Dikino” e “Dimbangola”. Em 1969, esteve em Portugal com o grupo Rebita, tendo participado num concurso em Santarém, em que obteve o segundo lugar. Na sequência dos êxitos alcançados, Elias liga-se à editora Valentim de Carvalho, com a qual grava três LPs, com destaque para “Etiqueta Angola”, em que participam Rui Mingas, Teta Lando e Barceló de Carvalho “Bonga”, e cinco singles.

No início dos anos 70, gravou um LP com a editora Rebita e um outro no Brasil. Em 1974, criou um dos maiores grupos musicais da época: o Kissanguela. Entre outros prémios consta o primeiro lugar no concurso de música africana, realizado em Lisboa (Portugal), em 1982, o prémio “Os 11 mais da cidade da canção” e o troféu Quim Jorge, em 1995.

Com uma vida inteiramente dedicada à música, Elias Dya Kimuezo já representou o país em vários eventos musicais realizados em Portugal, Brasil, Cabo-Verde, Índia, Namíbia, São Tomé e Príncipe e ex-União Soviética. É autor de várias obras discográficas como “Sucessos do Passado”, “O Semba Passa Aqui”, e “Ngui Sote”.

**ERNESTINA DA SILVA DIOGO MATIAS
“MAMA TINA”
VOCAÇÃO RELIGIOSA**

Afirma ser uma mulher trabalhadora e temente a Deus. Ernestina da Silva Diogo Matias “Mama Tina”, como é carinhosamente conhecida pelos crentes, é apóstola da Igreja Ministério de Fé e Libertação. Foi através de uma das suas filhas que descobriu a vocação. Numa viagem a Londres, para visitar a filha que lá estudava, teve contacto com uma Igreja de reavivamento. Os anos de 1996, 1997, 1998 e 1999 foram de preparação, busca, oração, intercessão e formação de carácter. Diz que durante este percurso aconteceram milagres extraordinários. Segundo “Mama Tina”, Deus sempre lhe concedeu o dom da palavra e da fé. Em 1999, foi consagrada pelo apóstolo Tambu Lukoli, depois de vê-la pregar. Começou assim o trabalho como serva de Deus, até tornar-se apóstola.



**FERNANDO DOMINGOS FRANCISCO “ZICO”
“TALENTO DESCOBERTO AOS SETE ANOS”**

NOTABILIZADO NO PETRO DE LUANDA, com passagem pelo Progresso do Sambizanga e pelos Palancas Negras, Fernando Domingos Francisco, ou simplesmente “Zico”, marcou o golo que deu a primeira Taça Cosafa a Angola. Ao serviço da Selecção Nacional marcou mais de duas dezenas de golos

Com o Petro de Luanda ganhou cinco vezes o campeonato nacional, igual número de taças de Angola e quatro super taças. Benguelense de gema, é contemporâneo de Minhas, Cacharamba, Nelo Bumba, Stopirra, Felito, Guedes, Renato, Amaral, Marito e Akwá.

Em 1980, quando tinha sete anos, dava nas vistas, pois era dono de uma técnica incomum para alguém da sua idade. O seu talento chamou atenção do “kota Vavá”, um organizador de jogos do bairro, que o apelidou de Zico, por ter semelhanças com craque brasileiro Zico.

Com o surgimento dos “Caçulinhas da Bola”, organizado pela Rádio Nacional de Angola, foi elevando a sua qualidade como futebolista. Como “caçulinha”, jogou pela Congeral (fábrica de sabão). Como compensação, recebia 20 barras de são.

Depois jogou pelo ENAMA, ao lado de Passarella, Totas, entre outros, treinados pelo mister Magui, e no Siga, treinado pelo velho Elias. Embora fosse muito habilidoso, Zico gostava de jogar a defesa central. No Siga, o treinador colocou-o a jogar a ponta de lança e foi bem sucedido, tendo sido melhor marcador do campeonato provincial, em 1986.

No mesmo ano, tentou a sorte no Progresso do Sambizanga, onde acabou por ficar. Em 1988/89, ascendeu à categoria de juniores no mesmo clube, orientado pela dupla de ex-jogadores do Progresso Praia e Meco, já falecidos.

Nessa altura, disputou o campeonato provincial, que era dominado pela Nocal, com jogadores como Paulão, Bebé, Dioguito, Abel e Docas.

O Petro de Luanda, com jogadores como Nelo Bumba, Valentim, Manucho, e o 1º de Agosto, eram clubes que seguiam a Nocal, em termos de potencial.

Aos 17 anos, Zico ascende à categoria de sénior, onde encontrou jogadores como Altino, Mitó, Ferreira Pinto, Janguelito, Dindinho, Lando e Augusto, treinados por Carlitos Romão. Zico ajudou o Progresso a regressar à I Divisão, com Napoleão Brandão e Luís Cão no comando técnico, tendo a

equipa ficado entre os cinco primeiros.

Em 1993, contra a vontade dos adeptos e simpatizantes do Progresso, Zico foi transferido para o Petro de Luanda. Até aquela altura, não tinha a noção do valor que tinha para os adeptos do clube. Houve pessoas que foram para a casa a suplicar para não sair do clube.

A direção teve muita dificuldade em gerir a saída de Zico do Progresso. No clube do Catetão, onde jogou por dez anos, foi recebido pelo falecido treinador Goiko Zeck. Naquela época, jogavam no Petro de Luanda Chico Dinis, Nejó, Bodunha, Amaral Aleixo, Oliveira, Felito, Paulo Silva, Mballa, Zacarias, Jonas, Aurélio, Flávio, Chinho, Gilberto, Dias Caires, Betinho e Marito, tendo logo na sua primeira época ganho tudo o que estava em disputa: Girabola, Taça de Angola e a Supertaça de 1993.

Em 1994, Zico regressa ao Progresso do Sambizanga, no ano seguinte retornar ao Petro de Luanda, onde ficou até 2004. Nos dez anos que jogou pelos tricolores, Zico teve o privilégio de actuar numa final da Taça CAF contra o Espérance de Tunis.

Na primeira partida, em Luanda, ganharam por uma bola a zero e em Tunes perderam por duas bolas a zero. Zico participou no jogo em que os tricolores humilharam o Al Ahly do Egipto, em pleno estádio do Cairo, por 2-4. Na primeira mão, os egípcios, venceram por 2-1, em Luanda.

O talento de Zico não passou despercebido. A sua primeira internacionalização foi com a selecção de sub-20, que disputou o torneio de Toulon, França, sob orientação do falecido Carlos Alinho. Disputou o apuramento para o CAN da categoria, que se realizaria em 1995. Faziam parte daquela seleção Akwá, Hélder Vicente, Pedro, Bani, Marito, Cacharamba, Bongochi, Quinzinho, Yamba Asha, entre outros.

Em 1995/96, fez parte da pré-selecção nacional convocada para a operação CAN de 1996, realizado na África do Sul, que viria a ser a primeira participação de Angola num evento do género. Fez ainda a maior parte de jogos de apuramento, mas ficou fora dos 23 eleitos.

Zico também deu o seu contributo na conquista da primeira Taça Cosafa, marcando o golo da vitória na final contra a Namíbia. Na altura, o treinador dos Palancas Negras era Djalma Cavalcante.



PARTICIPE DA REVISÃO AMPLA DO PACOTE LEGISLATIVO DO SECTOR DO TURISMO

O Ministério do Turismo está a proceder a uma revisão ampla do pacote legislativo do sector, e pretende que exista uma maior participação possível dos operadores ligados ao turismo e interessados. Pelo que, coloca para consulta pública, no seu site, os diplomas que serão objecto de alteração.

Neste âmbito, participe enviando as suas contribuições para o email:

 pacotelegislativodoturismo@mintur.gov.ao

centrooptico REGRESSA ÀS AULAS COM ESTILO



29.900 AKZ

**ARMAÇÃO
+ LENTES**

**OFERTA
DE BRINDE***

Disney
FROZEN II

Disney PIXAR
CARS

Disney
PRINCESS

Hello Kitty

MARVEL
SPIDERMAN

MARVEL
AVENGERS

STAR WARS

923 400 300
Dias úteis 8H às 18H, Sábados 8H às 13H

centroopticoangola @geral@centroopticoangola.com centrooptico_angola www.centroopticoangola.com

Preço válido de 24 de Janeiro a 29 de Fevereiro de 2020, na compra de óculos de criança das marcas Disney Princess, Disney Frozen, Cars, Star Wars, Spiderman, Avengers e Hello Kitty com lentes de stock 1,5 com anti-reflexo até 2 dioptrias da Vaoilens. Oferta limitada ao stock existente, não acumulável com outras ofertas, campanhas ou descontos em vigor.

(900.002)



REPÚBLICA DE ANGOLA
COMISSÃO INTERMINISTERIAL DE COMBATE À MALÁRIA E CÓLERA



Previna-se da malária combatendo o mosquito: tape os charcos com areia e pedras e ponha o lixo no contentor.

(700.052g)

TESTE

Desafio

1 - Leonardo da Vinci, considerado um dos maiores gênios da história da humanidade. Nascido na Itália foi uma das figuras mais importantes do Alto Renascimento. Como pintor qual a sua obra mais notável?

- 1- Madonas
- 2- Mona Lisa
- 3- A anunciação
- 4- Pietà

2 - Ernesto Guevara de la Serna, conhecido como "Che" Guevara foi um revolucionário guerrilheiro, político, jornalista, escritor e médico. De que nacionalidade foi "Che"?

- 1- Argentino
- 2- Mexicana
- 3- Cubana
- 4- Peruana

3 - **Valhala** é um lugar mitológico, majestoso e enorme salão com 504 portas, situado em Asgard, dominado pelo deus Odin como lar para os mortos. De que mitologia se trata?

- 1- Celta
- 2- Grega
- 3- Nórdica
- 4- Hebraica

4 - **Orion** na mitologia foi um gigante caçador, colocado entre as estrelas. Que mitologia...

- A- Celta
- B- Hebraica
- C- Védica
- D- Grega

RESPOSTAS

Desafio:
 1 - 2 - Mona Lisa
 2 - 1 - Argentino
 3 - 3 - Mitologia Nórdica
 4 - D - mitologia grega

Palavras Cruzadas

Horizontais
 1- FAND 6- ABADA 11- ORTER
 12- NAVAL 13- FAVA 14- EMIR 16- MI
 17- AR 18- ANEL 19- SOS 20- GRAU
 21- CASA 22- ATEAR 24- BOTOR
 25- TEAR 26- CERA 27- RIR 28- PAIA
 29- PC 31- AM 32- MINI 33- AIA
 34- SADIO 36- ZELAR 38- ORIAR

Verticais
 1- FOFA 2- ABAR 3- AIA 4- NE 5- DRE-
 NAR 6- ANIL 7- BAR 8- AV 9- FAMOSO
 10- AJSAR 15- MEU 18- ARAR
 19- SAIA 20- GEAR 21- CORA
 22- ATRASO 23- TEMAR 24- BELZE
 26- CAN 28- PIR 29- PIAR 30- CARA
 32- MA 33- AIT 35- DL 37- EX

Cartoon

Armando Pululo



Curiosidades



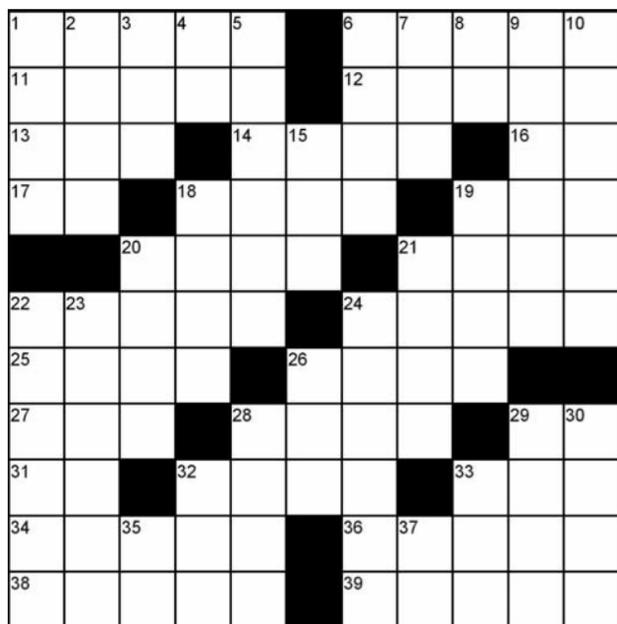
Etimologia da cidade de Luanda

Luanda é a capital e a maior cidade de Angola. Localizada na costa do Oceano Atlântico, é, também, o principal porto e centro económico do país. Foi fundada a 25 de Janeiro de 1576 pelo fidalgo e explorador português Paulo Dias de Novais, com o nome de "São Paulo da Assunção de Loanda". A Ilha de Luanda foi o local onde os primeiros colonos portugueses se radicaram. O topónimo Luanda provém do étimo lu-ndandu. O prefixo lu, primitivamente uma das formas do plural nas línguas bantu, é comum nos nomes de zonas do litoral, de bacias

de rios ou de regiões alagadas (exemplos: Luena, Luca-la, Lobito) e, neste caso, refere-se à restinga rodeada pelo mar. Ndandu significa valor ou objecto de comércio e alude à exploração dos pequenos búzios colhidos na ilha de Luanda e que constituíam a moeda corrente no antigo Reino do Congo e reino do Ndongo em grande parte da costa ocidental africana, conhecidos por zimbo ou njimbo. Como os povos ambundu moldavam a pronúncia da toponímia das várias regiões ao seu modo de falar, eliminando alguns sons quando estes não alteravam o significado

do vocábulo, de Lu-ndandu passou-se a Lu-andu. O vocábulo, no processo de apor-tuguesamento, passou a ser feminino, uma vez que se referia a uma ilha, e resultou em Luanda. Outra versão para a origem do nome refere que o mesmo deriva de "Axiluandas" (homens do mar), nome dado pelos portugueses aos habitantes da ilha, porque quando aí chegaram e lhes perguntaram o que estavam a fazer, estes responderam "uwanda", um vocábulo que em quimbundo designava trabalhar com redes de pesca.

Palavras Cruzadas



Horizontais

- 1- Federação Angolana de Andebol. 6- Sufoca.
- 11- Adquirir. 12- Relativo à navegação e a navios.
- 13- Forças Armadas Angolanas. 14- Governador árabe.
- 16- Terceira nota musical. 17- Atmosfera.
- 18- Pequena argola com que se enfeitam os dedos.
- 19- Sigla de Save Our Souls. 20- Intensidade.
- 21- Edifício para habitação. 22- Avivar (o fogo).
- 24- Mofo. 25- Maquinismo para tecer.
- 26- Substância de que são feitos os favos das abelhas.
- 27- Assumir expressão alegre.
- 28- Anteparo para resguardar os olhos da claridade.
- 29- Computador Pessoal. 31- Antes do meio-dia.
- 32- Elemento de formação de palavras que exprime a ideia de pequenez.
- 33- Camareira.
- 34- Que goza de boa saúde.
- 36- Administrar diligentemente.
- 38- Debruar. 39- Aquilo que é acrescentado ao que é habitual.

Verticais

- 1- Que cede à pressão, macia (feminino).
- 2- Prover de aba.
- 3- Aperta com nó.
- 4- Símbolo de nordeste.
- 5- Escoar.
- 6- Matéria corante azul de origem vegetal.
- 7- Botequim.
- 8- Avenida (abreviatura).
- 9- Célebre.
- 10- Aplanar.
- 15- Que me pertence.
- 18- Lavrar.
- 19- Qualquer compartimento.
- 20- Formar-se geada.
- 21- Enrubescer.
- 22- Demora.
- 23- Insistir em.
- 24- Um dos quatro municípios da província de Cabinda.
- 26- Campeonato Africano das Nações.
- 28- Contrário de «melhor».
- 29- Dar pios.
- 30- Rosto.
- 32- Dá mios.
- 33- Abreviatura de altitude.
- 35- Decilítro (abreviatura).
- 37- Prefixo (separação).

Cinema

Zap /Cinemas

Semana: 24 a 30 de Janeiro

•Título: **Que mal fiz eu a Deus agora** (Sala VIP)
 •Género: **Comédia/Drama**
 •Sessões: 12h45/15h20 17h50/20h30



•Título: **Tudo pela Justiça** (Sala 2)
 •Género: **Drama**
 •Sessões: 12h40/15h30/ 18h20h21h20/00h10b

•Título: **As aventuras do Dr. Dolittle VP** (Sala 3)
 •Género: **Aventura**
 •Sessões: 10h50a/13h10 15h50/18h10

•Título: **Cidade sob Ameaça** (Sala 3)
 •Género: **Ação**
 •Sessões: 20h40/23h00b

•Título: **Bad Boys para Sempre** (Sala 4)
 •Género: **Ação/comédia**
 •Sessões: 13h00/15h40/18h30 21h10/23h50b

•Título: **1917** (IMAX)
 •Género: **Ação, drama**
 •Sessões: 13h10/16h20/ 18h50/21h30/00h00b

•Título: **Armados em Espiões 2d VP** (Sala 6)
 •Género: **Animação**
 •Sessões: 11h00a/16h10c

•Título: **Dark Waters: Verdade Envenenada** (Sala 6)
 •Género: **Drama**
 •Sessões: 13h20/16h00d 18h40/21h10/00h20b

•Título: **Cidade sob Ameaça** (Sala 7)
 •Género: **Ação**
 •Sessões: 15h30e/15h50e 18h00

•Título: **Bayala** (Sala 7)
 •Género: **Animação/aventura**
 •Sessões: 11h10a

•Título: **21 Pontes** (Sala 7)
 •Género: **Ação/ Crime**
 •Sessões: 20h50/23h10b

- a) (Sáb e Dom)
- b) (Sexta, sáb e vesp de feriado)
- c) (Só sáb e dom)
- d) (Excepto sáb e dom)
- e) (Excepto dom)

IVA, O IMPOSTO JUSTO PARA A NOSSA EDUCAÇÃO.



Com este imposto, recolheremos mais fundos para aplicar na contratação de professores e na construção de escolas, que irão melhorar a qualidade do nosso ensino. Além disso, alguns bens e serviços ligados à Educação estão isentos do pagamento de IVA, como os livros e as propinas escolares. **IVA, o imposto justo!**

agt.minfin.gov.ao



AGT
ADMINISTRAÇÃO
GERAL
TRIBUTÁRIA



LOY CONVITESÃO BEM-VINDOS

Os convites são bem-vindos, numa altura em que precisamos mesmo de aparecer em várias actividades públicas. Porque muitas pessoas acham que a rebita, já não existe. Os jovens dizem que é dança dos velhos.



JABURÚ SEIS DÉCADAS DE REBITA

Bartolomeu Napoleão "Jaburú" é um nome que impõe autoridade dentro da rebita dos Novatos da Ilha. Não só é considerado como a "biblioteca viva" do grupo, como também é o seu letrista e vocalista de maior sucesso. Ao todo, Jaburú acumula mais de sessenta anos de rebita.

REBITA

O último rastilho de dança e música de Luanda

A rebita, dança e música, é o grande chamariz cultural das festividades do 444º aniversário da cidade de Luanda, a ser celebrado hoje. É no Carnaval onde a rebita vive uma grande "resistência", enquanto resultado claro das várias manifestações culturais, que Luanda oferece, oriundas do cancionero popular que tanto enriqueceu os géneros modernos.

Matadi Makota

luanda.metropolitano@jornaldeangola.com

Sob a égide da Comissão Administrativa de Luanda (CAL), o Rebita Novatos da Ilha apresentou várias performances em diferentes locais. Ontem, dia 24, o grupo esteve no programa Janela Aberta, emitido a partir da Marginal de Luanda. Antes, na quinta-feira, 23, a CAL convidou o grupo a fazer uma grande performance dos seus vários números musicais e de dança no Centro Cultural Brasil-Angola.

O grupo carnavalesco União Giza do Rangel programa render-lhes uma homenagem na próxima edição do Entrudo. "Estes convites são bem-vindos, numa altura em que precisamos mesmo destas actividades públicas. Porque muitas pessoas acham que, a rebita, já não existe. Os jovens dizem que é dança dos velhos.

Mas apesar da fraca adesão, vamos continuar a receber os jovens com vontade de dançar e tocar a rebita", afirma Joaquim Manuel Pascoal "Loy", secretário-geral do grupo Rebita Novatos da Ilha. Infelizmente, lamenta o responsável,

nem mesmo a elevação a Património Imaterial Nacional lhes tirou da mira do "esquecimento" a que estão votados, apesar de ser bem defendida a importância deste grupo no pacote cultural de Luanda.

"Estamos no activo cerca de cinquenta elementos dos Novatos da Ilha, quando o número era acima dos cem. Temos muitos temas populares, como "Kussukula", "Ngamanda" e outros.

Neste momento, estamos a ensaiar no estúdio do João Alexandre para a gravação do tema da homenagem pelo grupo carnavalesco União Giza do Rangel, com o qual faremos o desfile", garantiu.

Bartolomeu Napoleão "Jaburú" é um nome que impõe autoridade dentro da rebita dos Novatos da Ilha. Não só é considerado como a "biblioteca viva" do grupo, como também é o seu letrista e vocalista de maior sucesso. Autor do sucesso "Ngamanda", tema que irão entoar na homenagem no Carnaval, conta que a escreveu por força da história de uma rejeição amorosa de uma senhora, a Madalena, que não quis atender ao pedido de amor do seu apaixonado.

Ao todo, Jaburú acumula mais de sessenta anos de rebita. Faz parte dos cinco históricos fundadores do grupo, quatro dos quais já falecidos.





**HORÁCIO DA MESQUITA
SINAL DA CULTURA**

“Neste momento, apenas a rebita preserva essa gema. É o último sinal de como se fazia a cultura dentro do território de Luanda, mantendo-se com a mesma característica. No carnaval faz-se uma fusão da rebita.”



**REBITA
CANCIONEIRO
POPULAR DE LUANDA**

“As pessoas não se identificam com a rebita. Há uma certa rejeição, principalmente da juventude, que deveria saber que se a rebita desaparece, acaba-se o cancionero popular de Luanda. Se no carnaval fosse obrigatório executar os temas típicos desta região, mantinha-se.”

“Temos lutado para não deixarmos morrer a rebita. Aqui em Luanda havia quatro grupos, o Muxima Angola, Santa Bárbara, onde pontificava o Mestre Geraldo, Rebita Agostinho Neto e o Rebita Novatos da Ilha, a única que sobrevive até aos dias de hoje”

“Temos lutado para não deixarmos morrer a rebita. Aqui em Luanda havia quatro grupos, o Muxima Angola, Santa Bárbara, onde pontificava o Mestre Geraldo, Rebita Agostinho Neto e o Rebita Novatos da Ilha, a única que sobrevive até aos dias de hoje. Fazemos o repto para os jovens puderem aparecer e aprender a rebita, não é dança dos velhos, mas sim uma linda dança de salão”, exorta.

Aquando da fundação do grupo Rebita Novatos da Ilha, Bartolomeu Napoleão “Jaburú” contava apenas com 16 anos, e presenciou o acto realizado na Ilha de Luanda, no dia 31 de Outubro de 1954.

Entre locais e figuras singulares, conta que dançaram em vários locais de Luanda. Porém, convida-

do a lembrar ao detalhe os nomes, conta que muitas delas já faleceram, visto que essa rebita dos Novatos da Ilha não é mais do que a continuação do conhecido grupo fundado pelos seus pais, que era chamado União Tristeza.

Jaburú recorda a primeira e única saída internacional, que aconteceu em 1988, quando a Cultura era chefiada pelo então secretário de estado da Cultura, Boaventura Cardoso, e André Mingas era o director nacional.

“Fomos para Espanha. Nós éramos o único grupo do continente africano. Tivemos uma grande recepção. Mas até ao momento ainda não tivemos uma homenagem à altura. Estes títulos são apenas títulos”, observa.



“SE A REBITA MORRE, MORRE O CANCIONEIRO POPULAR”

FORAM CONTEMPLADOS, em 2015, com o Prémio Nacional de Cultura e Artes, e foi elevada a categoria de Património Imaterial Nacional, em 2019. Contudo, é no Carnaval onde a rebita vive uma grande “resistência”, enquanto resultado claro das várias manifestações culturais, que Luanda oferece, oriundas do cancionero popular, que tanto enriqueceu os géneros modernos.

Para Horácio da Mesquita, presidente executivo dos Novatos da Ilha, infelizmente pouco se denota da qualidade e génio criativo de representações como a kazukuta, a cabetula ou o semba, porque o carnaval foi “tomado” pela força da concorrência dos grupos, depreciando o lugar do cancionero popular, como já antes acontecia, evitando desta forma o saber e fruição popular, que se evidencia dentro das manifestações culturais.

“Neste momento, apenas a rebita preserva essa gema. É o último sinal de como se fazia a cultura dentro do território de Luanda, mantendo-se com a mesma característica. No carnaval não se dança rebita, faz-se uma fusão da rebita com a cedência do carnaval, conforme fazia o Mestre Geraldo. Ele combinava o passo da rebita no binário do carnaval. Hoje já ninguém faz isso, até porque o carnaval já é todo gravado. E, tem alguns estilos que vão perdendo a força, como é o caso da kazukuta”, destaca Horácio da Mesquita.

A preocupação do presidente executivo dos Novatos da Ilha recai pelo facto de no grupo haver muita gente idosa e com problemas de saúde, que aos poucos vai se re-

tirando, causando um problema de sobrevivência desta dança e música.

O grupo padece de faltas de apoio financeiro das instituições de direito, apesar de terem uma sede que alugam para festas, mas os contratos são muito esporádicos, às ve-

zes apenas duas vezes por ano. “As pessoas não se identificam com a rebita, porque sentimos que há uma rejeição e o consequente afastamento destas características. Mas as pessoas deveriam saber que se a rebita desaparece, acaba-se o cancionero

popular. Ela, a massemba, é o cancionero popular. Se no carnaval fosse obrigatório executar os temas típicos desta região, mantinha-se. Mas o carnaval deixou de o fazer”, lamenta Horácio da Mesquita.

Quanto ao semba, Horácio elucida que, apesar de ter cá em Luanda vários locais-chaves, que são incontornáveis dentro da sua história, o semba, cuja designação resulta da corruptela de massemba, não pode ser considerado exclusivamente de Luanda, por ser um género desenvolvido e enriquecido por indivíduos oriundos de vários pontos de Angola. Por exemplo, aponta, a seguir a Luanda, Benguela e Namibe têm grandes executantes de semba.

“Luanda ganha relevo, por exemplo, por todos os grupos girarem na órbita dos Kiezos e Jovens do Prenda, agremiações formadas em Luanda. A capital do país tem toda Angola integrada, e tem essa característica de ser um ponto de encontro de todos, sem possível definição de uma só”, observa Horácio da Mesquita, antes de lembrar que há nomes que se fizeram em Luanda, e que ganharam a ovação nacional, como são os casos de Malé Malamba (José Oliveira de Fontes Pereira), Fontinhas (Euclides de Fontes Pereira), Mestre Firmino, Minguito, e outros tantos.

“Gosto de lembrar sempre o que Fontinhas falava sobre Minguito, quando defendia que na opinião dele o Minguito era um génio. Era um grande músico que tocava acordeão de forma invulgar, e artisticamente estava noutra patamar”, contou.



CONSTATAÇÃO Horácio dá Mesquita considera que a rebita ainda preserva a gema



REPÚBLICA DE ANGOLA

PAC

PROJECTO DE APOIO AO CRÉDITO

OPORTUNIDADE DE FINANCIAMENTO
PARA OS **54** BENS DA CESTA BÁSICA & OUTROS BENS PRIORITÁRIOS DE ORIGEM NACIONAL, DEFINIDOS NO PRODESI



+244 932 072868 / 222 003605

prodesi@mep.gov.ao



mep.gov.ao



CLUBE DESPORTIVO CIDADE DO KILAMBA DOMÍNIO DOS SUB-14

Criado em finais de 2015, por iniciativa de um grupo de moradores, o Clube Desportivo Cidade do Kilamba tem evidenciado uma evolução invulgar. No espaço de quatro anos, conquistou, em duas ocasiões, o campeonato nacional.



NORBERTO DE CASTRO CENTRO DE ESTÁGIO

No âmbito da expansão do projecto, a direcção da Fundação Norberto de Castro tem uma nova aposta, que se traduz na transformação de um dos seus campos em centro de estágio. A inauguração estava prevista para o passado dia 18, mas razões administrativas levaram a que o acto fosse adiado.

FUNDAÇÃO NORBERTO DE CASTRO



Projecto virado para o desenvolvimento do futebol

BASQUETEBOLO

KILAMBA REFORÇA HEGEMONIA NO ESCALÃO SUB-14

COM A REVALIDAÇÃO do título de campeão nacional de basquetebol no escalão sub-14, competição disputada na cidade do Lubango, província da Huíla, o Clube Desportivo Cidade do Kilamba reforçou a sua hegemonia na classe masculina.

Para a conquista do título, o clube do município de Belas derrotou na final o 1º de Agosto por 50-36, em partida realizada no pavilhão multiusos da Nossa Senhora do Monte.

Em declarações à imprensa, o treinador do Clube Desportivo Cidade do Kilamba, Vladimir Miranda, destacou a regularidade do conjunto durante os jogos.

"Fomos a equipa mais regular na prova. Fizemos o pleno. O triunfo é merecido. Terminamos sem derrota. Ao longo da época, competimos nos torneios de Abertura, da Fundação Sol, da Marca Sports e fechamos com o campeonato nacional", disse.

Vladimir Miranda felicitou os atletas e colaboradores, em especial a Administração da Cidade do Kilamba, que muito apoiou para o sucesso da equipa.

A competição, que decorreu de 7 a 15 de Janeiro, juntou 10 equipas em representação das províncias de Luanda, Namibe, Benguela e Huíla.

Criado em finais de 2015, por iniciativa de um grupo de moradores, o Clube Desportivo Cidade do Kilamba tem evidenciado uma evolução invulgar. No espaço de quatro anos, inscreveu, em duas ocasiões, o seu nome no quadro de troféus do provincial de Luanda e do campeonato nacional, na categoria sub-14.

Com três categorias, nomeadamente mini-basquete, sub-14 e sub-16, o clube movimentou mais de 160 crianças e adolescentes, em ambos os sexos, maioritariamente residentes na Cidade do Kilamba.

Augusto Panzo
luanda.metropolitano@jornaldeangola.com

O antigo Complexo Desportivo e Escolar Norberto de Castro (CDENC), hoje transformado em fundação com o mesmo nome, está entre as primeiras escolas de formação de jogadores de futebol erguidas na capital do país, no período posterior ao Acordo de Paz, em 2002.

Localizado no bairro Kapalanga, município de Viana, o projecto fundado em 2005 tem como mentor Norberto de Castro, antigo futebolista da equipa do Progresso Associação do Sambizanga.

Devido a aposta séria do seu mentor, o que parecia uma coisa simples acabou por transformar-se em um grande viveiro de atletas, cujo maior fruto produzido até hoje é o atleta Geraldo, a militar actualmente na equipa do Al Ahly do Egipto.

Norberto de Castro, apesar de ter enfrentado inúmeras dificuldades, desde o custo da água para regar a relva, energia alternativa, dinheiro para pagar o salário às equipas técnicas e demais funcionários, entre outras, que quase precipitou o seu encerramento, passo a passo, ganhou espaço e confiança dos parceiros. Neste contexto, desde 2018 que vigora um protocolo de intercâmbio com o

Sporting Clube de Portugal, do qual resultou o surgimento da Academia de Futebol do clube leonino em Angola.

CENTRO DE ESTÁGIO

No âmbito da expansão do projecto, a direcção da Fundação Norberto de Castro tem uma nova aposta, que se traduz na transformação de um dos seus campos em centro de estágio, tal como assegurou o seu proprietário ao *Luanda, Jornal Metropolitano*. A inauguração estava prevista para o passado dia 18, mas razões administrativas levaram a que o acto fosse adiado.

Além do centro de estágio, a fundação está igualmente virada à fil-

lantropia. A prioridade recai para a oferta de material desportivo e visa minorar as dificuldades que muitos clubes enfrentam.

"A acção filantrópica que tenho vindo a levar a cabo nos últimos tempos, que é a distribuição de material desportivo aos clubes e às associações provinciais de futebol, visa acudir aqueles clubes e associações que têm vontade de trabalhar, mas não dispõem de condições", disse Norberto de Castro.

Ainda no âmbito da expansão das actividades, a Fundação Norberto de Castro decidiu criar núcleos em várias províncias, cujo destaque vai para o Huambo, onde dispõe de uma equipa de futebol.



Este tipo de trabalho (venda de latas de alumínio) revela as fragilidades das famílias angolanas. As famílias estão desestruturadas e o Estado deve assumir as suas responsabilidades

NADILSON PAÍM

Jurista

**MODA
"LUANDA
FASHIONABLE 2020"**

O Hotel Florença, localizado no Distrito Urbano de Talatona, acolhe sexta-feira, 31, o "Luanda Fashionable 2020". O evento com início previsto para as 19h30, reúne ilustres figuras ligadas à comunidade da moda na capital do país. Os vencedores tem participação garantida no Moda Luanda.



Tinta de caju

LUCIANO ROCHA



"TERRA DE PROMESSAS"

Luanda é, desde há décadas, não somente agora, sublinhe-se em abono da verdade, "terra de promessas vãs", anúncios de intenções ocas de verdades postas a descoberto pelo dia-a-dia sem haver quem ponha cobro à situação. O sublinhado no primeiro parágrafo, feito em obediência ao rigor que a verdade exige, pode, por arrasto, servir, igualmente, de barreira ao surgimento de falsas indignações dos que, norteados pelo egocentrismo, à mínima crítica- um dos pilares da democracia - sentem-se alvo de conspirações, choramingam, sacodem responsabilidades que assumiram de livre vontade, disparam culpas para todos os lados, engendram justificações, ao invés de arregaçarem mangas para evitar que os problemas da província continuem, como epidemia, a alastrar-se. As últimas chuvas em Luanda fizeram-me lembrar, outra vez, a de Abril de 1963, apesar de não terem tido a dimensão e força raivosa da daqueles idos anos, que, juraram, de "sangue de Cristo" e tudo, os mais velhos de então, nunca tinha havido nenhuma como ela, de chegar com de repente, sem aviso, nem nada. Eles, que sabiam ver nos ventos, nuvens e estrelas se a chuva, mesmo amarrada, ia chegar, como e de que lado. Luanda, naqueles idos anos de 1963, não era a confusão arquitectónica de hoje, respirava, a brisa do mar que, aos fins de tarde, a atravessava de uma ponta a outra, refrescava-a por ter corredores por onde passar, sem obstáculos a barrar-lhe caminhos. Nestas viagens dela, acariciava folhas das árvores, que as havia por todo o lado, a ladearem artérias, fazerem túneis naturais, às quais se juntavam as dos quintais e terrenos baldios. Luanda, naqueles idos anos, era limpa, os que a habitavam cuidavam dela e havia recolha de lixo. Além disso, a zona asfaltada dispunha de sarjetas a funcionar. Apesar de tudo, quando a chuva chegou sem aviso, desventrou ruas e becos, inundou casas de pobres e abastados, não poupou o comércio, soterrou carros, estoirou cabos eléctricos. Se ela vier agora com a força da de 1963, não sei o que pode suceder. O que sei é que vai promessas vãs.

POEMA PARA QUEM VIVEU EM LUANDA

Nasci branco de segunda
Calcinhas ou kaluanda
Nasci com os pés no mar
... em São Paulo de Loanda

Brinquei de pé descalço
Em poças de águas castanhas
Tive lagartas da caça
Não escapei às matacanhas

Comi manga sape-sape
Fruta-pinha tamarindo
Mamão a gente roubava
No quintal do velho Zindo

Pirolito que pega nos dentes
Baleizão, paracuca
E carrinhos de rolamentos
Numa corrida maluca

Tinha o Gelo, tinha a Biker
Miramar e Colonial
O Ferrovia, o Marítimo
Chás dançantes no Tropical

O N'Gola era só ritmo
O Liceu uma lenda
Kimuezo e Teta Lando
E os Ases do Prenda

Havia velhas que fumavam
E velhos com ar de sábio
Enquanto novas músicas
Se insinuavam na rádio
"E a cidade é linda
É de bem-querer
A minha cidade é linda
Hei-de amá-la até morrer"

Quem não estudou no Salvador?
Quem não se lembra do Videira?
E das garinas de bata branca
Nossas colegas de carteira?

Depois havia o Kinaxixe
Futebol era nos Coqueiros
Havia praias, um mar quente
Savanas imensas, imbondeiros

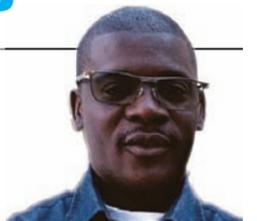
E havia todos os loucos
Do progresso e da guerra
A Joana Maluca, o Gasparito
A desgraça daquela terra

Nasci branco de segunda
Calcinha ou kaluanda
Nasci com os pés no mar
Em São Paulo de Loanda.

Nicolau Santos

MEMÓRIAS

MIGUEL KITARI *



A LUANDA DO MEU TEMPO

Luanda, a cidade capital de Angola, completa hoje 444 anos de existência. Luanda província é também agora município e "engoliu" os então municípios do Rangel, Sambizanga, Samba, Maianga, Ingombota, e tem uma Comissão Administrativa. É nesta Luanda, no município do Rangel, agora distrito, onde nasci. Ela hoje não é a mesma, e nem tem como ser. Cresceu de forma ordenada em algumas zonas, sobretudo a sul, e desordenada em outras, tudo por causa do êxodo populacional. E, por isso, ela mudou! Apesar de estar muito descaracterizada, Luanda continua acolhedora. É a capital de todos os angolanos! Ela cresceu rápido que quase não havia mais espaço para ninguém. E precisou do reforço da Quiçama e de Icolo e Bengo, que antes pertenciam ao Bengo. É por isso que ela hoje tem fronteiras com o Cuanza Sul, por via da Quiçama, e com o Cuanza Norte, pelo Icolo e Bengo. Sou do tempo em que Luanda tinha "contróis". Tinha controlo no Golf (agora transformado em esquadra policial), no Benfica (aonde está o actual retorno para quem vai ao Kilamba), no Grafaniil bar, transformada em esquadra, assim como em Cacucaco, nas imediações da Cimangola. Sou também da Luanda dos autocarros articulados que nos transportavam, com a chancela da ETP (Empresa de Transportes Públicos) e depois herdados pela TCUL. São esses autocarros que nos transportavam do Rangel para o Baleizão (33), com partida na Condel, no Cazenga. Havia também o 15, cuja partida era no Avó Kumbi, e término no Largo Saidy Mingas, junto ao BNA. Havia também o 28 que nos levava da estação de comboios do Bungo até ao Farol da Ilha de Luanda, o 27 que também partia do mesmo local, rasgava a Samba toda até chegar ao Benfica. Houve tempo em que este autocarro passava bem em frente do Futungo de Belas, aonde funcionava o Palácio Presidencial. O término era ali em frente da Bricomil. O 32, Baleizão - Cemitério do Catorze, e outros machimbombos nos transportavam nas nossas idas e vindas pelos bairros de Luanda. Saudades do comboio do Kikolo, que partia da estação dos Musseques, bem pertinho do meu "Kubico", no Rangel, até ao Kikolo - na Moagem de trigo. Ainda na última semana passei pelo Hoji ya Henda e já não há sinais da linha férrea. Que pena! Sou também do tempo do campo do São Paulo, ali entre as Cs e os prédios dos Congolenses. Assisti muitas e boas partidas de futebol aos sábados a tarde, com o campo sempre bem alinhado pelo já falecido velho Augusto. Um trabalhador do futebol! Assisti também boas partidas de futebol nos CTTs, na divisa entre o Rangel, Sambizanga. Do Baleizão ficam as saudades dos gelados saborosos, que nem sempre havia dinheiro para os comprar. Grandes tempos que não voltam mais! É desta Luanda do Kinaxixi, da Mutamba, do Rangel da Dona Amália, Rua do Povo, Precol, do Sambizanga, do Cine Ngola, do São João (Neves Bendinha), São Domingos e Nacional que tenho saudades, muitas saudades. Teta Lágrimas um dia cantou "Luanda já foste linda, mas tenho esperança ainda". Eu também tenho esperança, minha Luanda. Feliz aniversário. *** IN FACEBOOK**

FISCALIZAÇÃO

INADEC SUSPENDE "GOU-SHI-COMÉRCIO"

O INSTITUTO NACIONAL de Defesa do Consumidor (INADEC) suspendeu temporariamente, terça-feira, 21, o estabelecimento de comércio e prestação de serviços "Gou Shi-Comércio (SU), Lda", do exercício de toda actividade.

Localizado no município de Belas, nas imediações da "Via Expressa", de acordo com uma nota do INADEC enviada ao *Luanda, Jornal Metropolitano*, o referido estabelecimento foi suspenso por venda de fármacos com rotulagem em língua estrangeira, num total de 906 unidades, falta de asseio e higiene, falta de livro de reclamações e o seu respectivo selo.

O chefe dos Serviços Provincial de Luanda da instituição, Gabriel Joaquim António, afirmou que a acção enquadra-se no estudo, análise, e supervisão do mercado. Esclareceu



que a venda de produtos rotulados em língua estrangeira no país, é uma prática proibida nos termos do artigo 37º da Lei nº1 /07 de 14 de Maio.

"Este tipo de prática não permite ao consumidor tomar conhecimento sobre a qualidade, composição, data limite do consumo e sobretudo as condições especiais de conservação do mesmo produto", disse.